



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eleonora Zicari Costa de Brito

**ROCK, IDENTIDADE E JUVENTUDE NO *UNDERGROUND* EVANGÉLICO
BRASILEIRO.**

Marina de Oliveira

Brasília
Julho 2013



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eleonora Zicari Costa de Brito

**ROCK, IDENTIDADE E JUVENTUDE NO *UNDERGROUND* EVANGÉLICO
BRASILEIRO.**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Banca Examinadora

Professora Doutora Eleonora Zicari Costa de Brito (Presidente) – HIS/UnB

Mestre Mateus de Andrade Pacheco (Mestre e doutorando pelo PPGHIS/UnB)

Mestre Jorge Alexandre Fernandes Anselmo Sobrinho (Mestre pelo PPGHIS/UnB)

Brasília
Julho 2013

*Te falo do único, eu falo do um
Do artigo indefinido, do amigo em comum
Um é número incomum, mais um é passar do ponto
Um é o número de flores que seguro no primeiro encontro
Um só é o sol, não existem “sóis”
Um só é o céu, um, só um com nós
Um é o caminho que sigo
Uma verdade vivida
Uma morte é preciso
Mas a vida é infinda.*

(Crombie - Um, 2011)

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus. Ele que me sustenta do levantar até o deitar. Que é autor da minha vida, da minha fé. Fonte de toda a sabedoria, inteligência e conhecimento, que me doou um pouco destes para que eu pudesse fazer todas as coisas, inclusive este trabalho.

Em segundo, e não menos importante, aos meus pais Madalena e Expedito, que com o suor do seu trabalho digno e honesto me fizeram ser quem sou hoje. Pelos seus esforços contínuos para que eu tivesse uma boa educação, e chegasse até aqui. Também aos outros familiares que mesmo estando longe, torcem por mim.

Agradeço também à professora Eleonora Zicari pela orientação, por acreditar no tema, nas ideias, pelo incentivo, pelas matérias ofertadas, pelo apoio em toda a graduação, pelas risadas. Assim como a todos os professores do Departamento de História da UnB que me ensinaram muito, que ampliaram minha visão de mundo, e que ao partilhar do seu conhecimento, me formaram uma historiadora.

Da mesma forma, sou grata aos músicos Lucas Fonseca, Felipe Vellozo e Fábio Sampaio, integrantes das bandas que foram meus objetos pesquisados no terceiro capítulo, que responderam às perguntas e às dúvidas, sempre de forma solícita. Obrigada também a todos os colegas de graduação, pelas trocas, pelas discussões, pela amizade dos mais chegados, aos amigos de outros recintos que me incentivaram e disseram que o tema da monografia era *legal*. Em especial, à Cecília pelas revisões e sugestões.

Muito obrigada aos colegas universitários que me ajudaram transmitindo seu conhecimento sobre o assunto, além de bibliografia, conversas, livros emprestados, e-mails respondidos, em especial a Jônathas Camacho (Murruga), e aos meninos do SCA (Sociedade Cristã Acadêmica) por disponibilizarem os textos e promoverem discussões esclarecedoras. Muito obrigada aos amigos queridos do NVC (Núcleo de Vida Cristã) - não citarei nomes, pois são tantos que não caberiam aqui - que me acolheram com muito amor, pelas resenhas, pelos debates, por me ensinar a conviver com as diferenças, por me mostrar meu papel na universidade, por esclarecer minhas dúvidas e ajudar a manter minha fé no *Caminho*, inabalável.

Resumo

Desde os anos 1970, foram várias as tentativas de fazer o rock engrenar no meio do público evangélico. Bandas de vários lugares do Brasil buscaram seu espaço e imprimiram sua personalidade, apropriando-se de várias fontes musicais a fim de afirmar sua identidade, ora através do consenso ora do contraste em relação a outras manifestações musicais. Muito se escreveu no meio acadêmico, sob o enfoque sociológico e antropológico, sobre o rock evangélico e seus representantes; o que aqui se pretende é analisar o rock evangélico, as bandas, a linguagem e os atores envolvidos nesta cena por meio de um panorama histórico. A pesquisa apoiou-se em conceitos como identidade e apropriação, em diálogo com as perspectivas de uma história cultural, ao modo como indicado por Chartier, a fim de perceber as peculiaridades dessas práticas, assim como as permanências ao longo do período recortado por este estudo.

Palavras-chave: História, Identidade, Apropriação, rock, protestantismo, juventude.

Sumário

Introdução	I
1. O rock e a juventude nas igrejas evangélicas brasileiras.....	1
A chegada do rock e a reação no meio evangélico.....	1
Os festivais e o crescimento do rock evangélico	7
2. Do “puteiro” ao templo: uma conversão em especial.....	14
3. Os novos caminhos do underground cristão	25
Considerações finais	38
<i>Corpus documental</i>	39
Bibliografia	44

Introdução

O objetivo desta monografia é traçar um panorama do rock cristão evangélico no Brasil, percebendo seus discursos, suas construções identitárias através da narrativa musical. Neste trabalho, o rock é apresentado em sua conotação genérica, ou seja, não é pormenorizado em subestilos como *punk rock*, *hardcore*, *heavy metal*. Dessa forma, a cena do rock evangélico aqui analisada está ligada mais a um panorama geral do que ao estudo das suas especificidades. É importante perceber que a juventude tem um papel importante para o rock cristão evangélico, pois a maioria das bandas do meio tem integrantes jovens que fazem música para outros jovens. Esse grupo busca uma identidade própria, uma maneira de se colocar como um grupo, abarcando, entretanto, sua multiplicidade.

O recorte do trabalho é de aproximadamente quarenta anos de história: dos anos 1970 até a produção mais recente, passando pelas primeiras tentativas de formação de bandas, os primeiros festivais, a conquista do espaço na indústria fonográfica, o público ouvinte, as letras de música, o discurso, as apropriações, os novos caminhos.

Este tema já foi estudado com maior fôlego pela Sociologia e pela Antropologia, sobretudo os aspectos do rock evangélico e sua relação com o mercado fonográfico, e também as formas de expressão dos grupos do *underground* cristão através do viés das tribos urbanas. Embora a maioria das análises apresentadas diga respeito ao gênero *metal* e não ao rock em sua expressão genérica, como abordado neste trabalho, as contribuições desses trabalhos foram importantes para conhecer outras interpretações sobre o tema.

Através do olhar da História Cultural e suas formas de abordagem, buscamos entender esse cenário através de conceitos como *identidade*, *apropriação*, *memória*; e também tomando de empréstimo das Ciências Sociais algumas de suas problematizações sobre o tema, como quando falarmos sobre as características desse grupo de jovens, majoritariamente de áreas urbanas, que produz e ouve essa música.

Estes conceitos históricos estão imbricados de forma dinâmica nesse espaço de produção artística, em que cada grupo dessa cena, apresenta seu discurso em forma de música, demonstrando como querem ser reconhecidos no meio musical. A representação desses papéis é construída narrativamente através das letras das canções, das falas em entrevistas, da postura no palco, dentre outros meios, apropriando-se do discurso de outros gêneros musicais para enfim formularem um que lhe seja próprio.

É importante esclarecer o uso de alguns termos usados no texto como: *underground* e *secular*. O termo *underground* em português significa subterrâneo, algo que não é comum ou

usual. No caso de manifestações culturais, o termo é usado para definir práticas que não seguem padrões hegemônicos. Neste trabalho compreende-se o rock cristão como uma manifestação da cena underground, tanto em relação ao próprio gênero *rock* quanto ao meio evangélico e sua produção musical mais popular.¹ Já o termo *secular* refere-se a algo próprio do século (atividades do mundo em geral), relacionado a características laicais, em contraposição com algo pertencente a atividades religiosas ou eclesiásticas. Desse modo, sempre que falarmos em *rock secular*, *bandas seculares*, é da produção musical não relacionada à música cristã que se estará falando.²

É importante mencionar que este cenário estudado é exclusivamente brasileiro. Há a produção de rock cristão evangélico pelo mundo, com bandas como *P.O.D*, *Skillet*, *Swichtfoot* e *For Today*, que é bem diferente do que se faz no Brasil. Primeiramente, porque em outros países como os Estados Unidos, não há uma divisão excludente entre a música gospel e secular, pois trata-se de um país majoritariamente protestante, então essas fronteiras são praticamente inexistentes.³ Já no Brasil, essa diferenciação é mais acentuada, por diversos fatores, sobretudo pela própria natureza da música feita pelos evangélicos, identificada por vários deles como gospel. Entretanto, essa questão tem sido modificada pelos novos artistas da cena, com alguns cristãos evangélicos fazendo música despreocupados em manter este vínculo.

Para perceber essa diversidade de representações, dividimos a monografia entre três capítulos, caminhando através de uma cronologia básica, da produção musical dos anos 1970 até os mais recentes trabalhos. Assim, no primeiro capítulo, veremos como o rock cristão evangélico nasceu no Brasil por meio de práticas pioneiras como a da banda *Exodos* e como foi a reação dos membros das igrejas quanto a essa novidade musical. Ao longo do tempo, o rock evangélico foi ganhando seu espaço por meio dos festivais de música promovidos pelas próprias igrejas, em que muitos jovens se divertiam e curtiam o rock.

No segundo capítulo, para apreender a trajetória do gênero no Brasil, recortamos esse panorama a partir da trajetória de um dos mais importantes artistas do meio do rock evangélico, o cantor Rodolfo Abrantes. Componente durante muito tempo da banda de rock brasileira *Raimundos*, em 2000 Rodolfo se converteu ao protestantismo e logo depois começou a produzir suas músicas de acordo com essa nova fase da sua vida. Assim, veremos

¹ Significado retirado de: <http://www.significados.com.br/underground/>, acessado em 1 de julho 2013.

² Informações disponíveis em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>, acessado em 1 de julho 2013.

³ Informações disponíveis em: <http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/12/MarciaLeitaoPinheiro.pdf>, acessado em 5 de julho 2013.

como sua produção musical informa sobre suas experiências pessoais, sobretudo após sua conversão.

Já no terceiro capítulo, é traçado um panorama do rock cristão evangélico no Brasil. Num primeiro momento, a abordagem volta-se à análise dos trabalhos de bandas tradicionais do gênero que se auto definem como bandas de rock gospel. Na sequência, o objetivo principal é captar o trabalho de bandas que têm optado por não terem este rótulo, e que fazem sua música com o desejo de atingir um público bem mais abrangente.

Todo esse cenário foi percebido por meio de vários canais e fontes. Buscou-se, por exemplo, em jornais e revistas a ocorrência dos festivais de música e como estes repercutiam na própria mídia e no meio dos jovens cristãos. Para perceber o discurso musical foi essencial a análise das letras de música, quando se buscou apreender o que diziam sobre o universo daqueles jovens artistas. Outras fontes importantes foram as entrevistas concedidas a veículos de comunicação, publicações autorais dos próprios músicos da cena, vídeos, entre outros. Para o último capítulo, a contribuição dos próprios músicos, por meio de seus e-mails oficiais, foi importante para promover uma aproximação maior dessas narrativas.

Capítulo 1. O rock e a juventude nas igrejas evangélicas brasileiras

1.1. A chegada do rock ao meio evangélico

Antes da chegada do rock n' roll em meio à juventude evangélica, as músicas que eram tocadas nas igrejas eram em geral formadas pela reunião de instrumentos de sopro, piano, órgão e com o acompanhamento de um coral. A produção de discos voltados a esse universo religioso também tinha a sonoridade de uma música orquestral, com instrumentos como a sanfona e a harpa. O violão ainda não havia sido inserido nas músicas evangélicas, provavelmente por preconceito, pois o instrumento era associado à música produzida na vida boêmia e secular.⁴

É em meio a esse cenário que no ano de 1970 surge a primeira banda de rock evangélico, a banda *Exodos*. Sua sonoridade era totalmente nova para os ouvidos de seus contemporâneos; se antes até o violão era censurado, a *Exodos* ousou mais e inseriu a guitarra, a bateria, o contrabaixo e o teclado. No início o grupo tinha uma sonoridade mais suave, mas aos poucos foram introduzindo riffs mais pesados. A banda era formada por adolescentes da Igreja Batista de Vila Bonilha, em São Paulo.⁵

Os integrantes da banda foram Edson Donizete, Eli, Nelson, Lucas, e os irmãos Osny e Osvayr Agreste. Eles se alternaram nas duas formações da banda, e mantiveram suas atividades musicais até 1977, quando o grupo se desfez. Estes jovens chamavam a atenção por terem cabelos compridos e suas letras eram de protesto contra o uso de drogas e o sexo livre.⁶



⁴ Informações disponíveis em: http://www.arquivogospel.com.br/textos_v.asp?cod_texto=18. Acesso em 12 de Abril 2013. Este site tem várias entrevistas, textos e discografias da música evangélica em geral, abrangendo vários estilos. O seu mentor é Salvador de Sousa, autor da grande parte dos textos. Salvador é religioso, tem um grande acervo da música evangélica, tem vários títulos colecionados e dessa paixão pela música, nasceu a ideia do site, que está no ar desde 2003.

⁵ Informações disponíveis em <http://www.bandaexodos.com/>. Acessado em 13 de Abril 2013.

⁶ Imagem coletada no site da banda. Acessado em 12 de Maio 2013.

A proposta da banda era mostrar que ser um jovem evangélico não era coisa de outro mundo, e que a juventude poderia se libertar de todos os seus vícios conhecendo a Jesus Cristo de forma aberta. Em uma de suas letras, cantavam que Jesus era a resposta para os dilemas da juventude, e ainda justificavam que tocar guitarra e cantar tinha por objetivo levar essa mensagem:

Vimos aqui pra lhe dizer que nem tudo está perdido/Vimos aqui apresentar a solução/ O que seria da pergunta se não houvesse resposta/ O que seria deste mundo se não houvesse salvação?/ Jesus é a resposta, Jesus é a solução/ Jesus é a resposta, ele é a salvação!/É isso que queremos dizer quando tocamos guitarra/ É isso que queremos dizer quando falamos de perdão/ É isso que queremos dizer quando falamos de amor/ É isso que queremos dizer de paz no coração.⁷

Em seu site a banda diz que o rock ter chegado naquele momento às igrejas era praticamente um milagre, já que o Brasil passava por uma ditadura militar. Época de censura e repressão em que o rock e o movimento hippie, sobretudo fora do Brasil, contestavam a ordem vigente com seu lema *Sexo, drogas e rock n' roll*. Eles apontam também que outra adversidade para o rock evangélico era o preconceito dentro das igrejas, que acostumadas com as músicas tradicionais advindas da tradição do gospel inglês e americano, foram bem resistentes à banda.⁸

A *Exodos* teve uma repercussão significativa não só no meio evangélico, mas também no secular. Numa reportagem da Revista *Veja*, em 1976, a banda aparece em meio a um dilema: progredir para um rock mais pesado ou tentar agradar aos seus seguidores e produzir algo menos pesado? Na matéria também se destaca os conflitos gerados pela música que tocavam, como no caso de uma vizinha, moradora próxima à igreja que frequentavam, e que ameaçava chamar a polícia se a *barulheira* não cessasse. Foi preciso a intermediação do pastor Samuel, que prometeu que ia tentar resolver a situação e acabou convencendo a senhora a não contatar a polícia.⁹

A *Exodos* não ganhou somente os púlpitos de outras igrejas abertas à sua música, mas também as ruas, as praças, acampamentos jovens, festivais de música, levando a mensagem do Evangelho de Cristo aos jovens paulistanos. No entanto, em 1977, a pressão dos líderes e membros da igreja de que participavam foi tão grande que eles foram convidados a se retirarem, pois já estavam criando problemas com os vizinhos.¹⁰

⁷ Letra disponível na página <http://palcomp3.com/bandaexodos/jesus-e-a-resposta/>. Acessada em 14 de Abril 2013.

⁸ Informações disponíveis no site da banda: <http://www.bandaexodos.com/>. Acessado em: 15 de Abril 2013.

⁹ Da redação. *Rock Proscrito*. Revista *Veja*: São Paulo, 17 de novembro 1976. Matéria disponível no acervo digital da Revista *Veja*: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acessado em 26 de Abril 2013.

¹⁰ Idem.

Por falta de condições financeiras a *Exodos* encerrou suas atividades em 1977 e apesar do grande alcance que teve e das diversas composições prontas, não gravou nenhum disco.¹¹ A canção da banda que teve mais alcance, apesar de não ter sido gravada, foi *Galhos Secos*. No ano de 1984, o grupo *Som Maior* gravou-a, e em 1993 a banda *Catedral* registrou esta composição em seu LP duplo *Está consumado*. Em 2009, foi a vez do cantor Paulo César Baruk regravar a música em seu disco *Piano e voz... Amigos e pertences*. Somente em 2006 o grupo *Exodos* teve suas canções registradas em cd intitulado *Banda Exodos de 1970 a 1977*, pela gravadora MK Music.¹²

O compositor da música, Osvayr Agreste, falou em uma entrevista sobre as circunstâncias que ambientaram a criação dessa música,¹³ que compôs aos 13 anos de idade, e que foi sua primeira composição. Segundo ele, houve uma motivação para compor *Galhos Secos*:

Tínhamos amigos que estavam entrando no caminho das drogas, por causa dos festivais, do amor livre, do movimento hippie. Eles fumavam maconha, usavam entorpecentes. Escrevi a música por causa da vontade de falar do amor de Deus de uma forma diferente. Gostávamos da sonoridade do rock, do Pink Floyd, do Genesis.¹⁴

Em sua fala, vemos citadas bandas de rock não ligadas ao universo cristão, como o *Pink Floyd* e a *Genesis*, e era justamente neste espaço de trocas com o *secular* que o rock cristão foi se firmando na cena brasileira, apropriando sonoridades, estética, mas professando nas letras a sua fé. A estética da banda somada à sonoridade da *Exodos* atraiu muitos jovens cristãos e não cristãos.

Na sua representação estética e musical a *Exodos* é um exemplo de como atores sociais podem apropriar-se de elementos de outrem para compor a sua identidade. Nesse caso, a identidade é uma compilação de representações e memórias do rock secular juntamente com as ideias e crenças destes indivíduos. O sociólogo Michael Pollak explica esse processo nos seguintes termos:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da

¹¹ Informação disponível na página oficial da banda: <http://www.bandaexodos.com/>. Acessado em 13 de junho 2013.

¹² Informação disponível em: http://www.arquivogospel.com.br/textos_v.asp?cod_texto=21. Acessado em: 14 de Abril 2013.

¹³ No ano de 2012 a música *Galhos Secos* ficou conhecida do público mais recente, devido a um vídeo caseiro gravado pelos irmãos Jefferson e Suelen que junto com sua mãe Mara cantavam a referida música quando, inesperadamente, o rapaz canta muito alto e deixa sua mãe extremamente irritada, enquanto sua irmã ri sem parar. O vídeo tem atualmente mais de 27 milhões de visualizações na rede mundial de computadores e pode ser visualizado em: <http://www.youtube.com/watch?v=K02Cxo3fAC8>. Acessado em: 14 de Abril 2013.

¹⁴ OSVAYR AGRESTE apud LORENTZ, Braulio. "Banda Catedral é 'obrigada' a tocar 'Para nossa alegria' depois de 19 anos." Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/04/banda-catedral-e-obrigada-tocar-para-nossa-alegria-depois-de-19-anos.html>. Acessado em: 14 de Abril de 2013.

identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.¹⁵

Talvez este seja o ponto de tensão que desencadeou as críticas ao rock evangélico, pois o jargão *Sexo, drogas e rock n' roll*, que acompanhou os jovens roqueiros desde os primórdios do estilo musical como sinônimo de liberdade e rebeldia,¹⁶ permanecia ecoando na experiência desses jovens roqueiros cristãos, mesmo que suas letras fugissem dessas temáticas, e parecia não fazer sentido no universo evangélico.

A grande questão é como se apropriar da estética do rock secular e simultaneamente representar suas crenças cristãs, uma vez que a linguagem e a mensagem expressa pelo estilo rock seria algo contrário aos preceitos e valores do Cristianismo? Talvez essa questão possa ser iluminada pela noção de *apropriação* como trabalhada pelo historiador francês Roger Chartier. O autor explica que esse conceito requer o entendimento de que há uma pluralidade de modos de emprego e uma diversidade de leituras daquilo que se é apropriado pelos atores sociais.¹⁷

Pensada dessa forma, a ênfase sobre as apropriações culturais também nos permite que os textos ou as palavras destinadas a configurar pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores. As práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas.¹⁸

Considerando-se essa reflexão, e trazendo-a para o universo aqui tomado como objeto de estudo, pode-se considerar que os discursos do rock, quando tomados pelos roqueiros cristãos podem adquirir outra conotação, sem que necessariamente isso seja contraditório.

Mas essa não era a interpretação elaborada no meio evangélico, pois a chegada do rock provocou um grande choque para os mais tradicionais, e isso se refletiu em palestras, pregações e publicações contrárias ao rock evangélico, já a partir dos anos 1970.¹⁹ É uma questão de identificação (ou de não identificação), de pertencimento (ou de não pertencimento) a um determinado grupo e a contraposição a um “outro” que não representava uma parcela expressiva dos evangélicos naquele momento.

Um exemplo bastante interessante dessa visão pode ser vista no livro *A mensagem oculta do rock*, escrito por quatro autores evangélicos, que demoniza o rock e que alerta aos

¹⁵ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 205.

¹⁶ JANOTTI JÚNIOR, Jeder. *Aumenta que isso aí é Rock and roll. Mídia, gênero musical e identidade*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003, p. 21.

¹⁷ Cf. CHARTIER, Roger. *História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990, p.26.

¹⁸ CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 234.

¹⁹ Informações disponíveis no site da banda: <http://www.bandaexodos.com/>. Acessado em: 15 de Abril 2013.

líderes religiosos, aos pais e aos próprios jovens que o rock não deveria ser um estilo musical praticado por cristãos. Para os autores, o rock oferecia perigo à juventude, e sua proibição era uma questão de preservação da moralidade dos jovens evangélicos.²⁰

Já na apresentação do livro, escrita por um pastor, pode-se perceber o perigo que o rock significava para os autores. Vejamos um trecho:

De fato, o Diabo sabe o valor iniludível que tem a música e, também, o quanto o brasileiro gosta desta bela arte. Ao mesmo tempo, sabe que é do feitio da nossa juventude os ritmos acelerados e altissonantes. E, oportunista como ninguém mais o é, ele se utiliza do rock e dos outros ritmos de sua invenção, para perverter e escravizar nossos jovens.²¹

O livro se desenvolve pautado pelo argumento de que o rock possuiria uma mensagem oculta que poderia influenciar os jovens a cometerem suicídios, a praticar crimes, a se prostituir, expondo-os a todo o tipo de degradação moral. Por vários capítulos os autores “lembram” o que seria uma suposta origem satânica do rock, colocando o diabo como o próprio pai do rock. Os autores citam bandas como os *Beatles*, *Rolling Stones*, *AC/DC*, *Black Sabbath*, *Velvet Underground*, *Alice Cooper*, *Pink Floyd*, *Kiss*, entre outras, como representantes dessa prática e evidências do que dizem.

Os autores analisaram várias letras de música e personalidades do rock que para eles traziam mensagens negativas para o público jovem. O rock seria uma espécie de religião de culto ao diabo e os integrantes das bandas tinham em mente que deveriam influenciar a juventude a viver dissolutamente, praticar crimes e aberrações sexuais. Em um dos exemplos dados, citam Ozzy Osbourne, vocalista do *Black Sabbath*, que para eles era a *própria encarnação do demônio*, por fazer sacrifícios de animais no palco, falar coisas estranhas para evocar o diabo, salientando, ainda, que em seus shows *mocinhas eram violentadas*.²²

Um dos capítulos desse livro é dedicado à análise dos *Beatles*, e nele os autores apontam várias músicas do grupo que teriam mensagens subliminares, entre elas a *Revolucion 9* que acreditavam ter *grunhidos estranhos, barulhos de metralhadora e pessoas gritando e morrendo* e que isso mostrava o lado soturno e psicodélico que não era nada saudável de se ouvir.²³ Elvis Presley também é citado numa imagem que faz alusão ao cantor ter nascido em lar cristão e ter ido à Igreja Assembleia de Deus quando jovem, mas *abandonou os princípios evangélicos e lançou-se à fama, à luxúria, às riquezas*²⁴, deixando se levar pela influência do

²⁰ COSTA, Jefferson Magno de Santana [et al]. *A mensagem oculta do rock*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1986.

²¹ Idem, ibidem, p. 9.

²² Idem, Ibidem, p. 95.

²³ Idem, Ibidem, p. 69.

²⁴ Idem, Ibidem, p. 76.

rock e da fama, tudo isso sendo desenvolvido sob a seguinte legenda: *Elvis trocou a Bíblia pela guitarra. O que ganhou com isso?*²⁵

Entre os artistas brasileiros, as grandes críticas foram dirigidas a Gilberto Gil, Caetano Veloso, Pepeu Gomes, Moraes Moreira, Roberto Carlos e Clara Nunes. Esses artistas, mesmo não sendo ligados diretamente ao rock, foram citados pelos autores por suas trajetórias pessoais ligadas ora ao abuso de drogas ora a um repertório cujas letras das canções que faziam alusão a orixás e simbologias da umbanda ou do candomblé.²⁶ Um dos artistas citados pela sua suposta ligação com simbologias, ocultismo e satanismo, é Raul Seixas:

Analizando a vida desse representante do rock no Brasil, vê-se que sempre esteve envolvido com assuntos metafísicos. Foi um fascinado por livros de astronomia, sobre o universo, e devido seu pai sempre ter tido gosto por mistérios e coisas estranhas, viu-se também introduzido nesse mundo estranho, de tudo que é inexplicável na face da terra, debaixo do mar, no céu.²⁷

Já na segunda metade do livro, o alerta é para as igrejas, para que não permitissem o rock como um ritmo tocado para músicas sacras. Os principais motivos apontados eram que o rock, por ser uma criação satânica, não deveria ser tocado, pois era um culto ao diabo. Também apontavam que o ritmo trazia muita sensualidade e frenesi, fazia alusão ao sexo livre e ao uso de drogas,²⁸ além da mensagem cética de que Deus não existia, dessa forma não serviria como um instrumento de evangelização. Os autores já percebiam que o rock havia chegado às igrejas e ao público jovem evangélico e assim descreviam esse fato:

A influência deletéria do rock em algumas igrejas evangélicas é evidente: basta ver o uso do playback, dos instrumentos musicais elétricos (guitarra), eletrônicos (sintetizadores) e da batida rítmica simétrica. O rock tem contaminado até jovens crentes, com linguagem ímpia, sons alucinantes e ritmo sensual.²⁹

Ao longo dos anos 1980, várias bandas como os *Vencedores por Cristo*, *Rebanhão*, *Oficina G3*, *Fruto Sagrado*, *Katsbarnea*, *Catedral*, *Resgate*, vão se utilizar da sonoridade do rock para evangelizar os jovens. Em um dos capítulos da publicação, os autores vão execrar o rock como instrumento de evangelização, pois seria um excesso de liberalização da fé, e que de maneira nenhuma combinava com a defesa da fé evangélica.³⁰

Essa publicação é uma amostra de como o rock era discriminado e estereotipado no interior das igrejas evangélicas. Foi esse cenário de oposição que a banda *Exodos* enfrentou como pioneira do rock evangélico no Brasil, no entanto, o legado deles foi passado à frente,

²⁵ Idem, *Ibidem*, p. 89.

²⁶ Idem, *Ibidem*, p. 123.

²⁷ Idem, *Ibidem*, p. 110.

²⁸ Referência, portanto, a uma tradição que não encontrava ressonância nas letras desses grupos, mas que permanecia, mesmo que silenciosamente, inscrita nos sentidos do ritmo.

²⁹ Idem, *Ibidem*, p.21.

³⁰ Idem, *Ibidem*, p. 150.

pois a banda de fato abriu as portas para o *rock n' roll* e, por conseguinte, para o *metal* também. Nas décadas que se seguiram, o rock se consolidou como um ritmo presente no meio da juventude cristã evangélica, fortalecendo esse grupo, construindo identidades e significados, como veremos adiante.

2.2. Os festivais e o crescimento do rock evangélico

Após as tentativas da banda *Exodos* de consolidar o rock como uma sonoridade no universo evangélico, novos grupos surgiram, ainda nos anos 1970, com propostas de trazer ao meio cristão uma sonoridade que se aproximasse mais do rock. Dois importantes grupos paulistas chamados *Vencedores por Cristo* e *Rebanhão*, conseguiram ter um maior alcance, pois diferentemente da *Exodos*, conseguiram gravar seus discos. A contribuição dessas duas bandas ao rock evangélico não se deve tanto à sonoridade pesada – pois não tocavam somente rock, mas também marchinhas, bossa nova, baião, jazz – mas à inovação que trouxeram na linguagem musical como um todo, e com isso abriram um novo horizonte na forma de compor. Elas inseriram instrumentos como o violão, a guitarra, a bateria, e assim quebraram paradigmas e preconceitos do qual eram alvo esses instrumentos, que como já falamos, eram execrados por várias igrejas protestantes no Brasil.

Mas tanto o *Rebanhão* quanto os *Vencedores por Cristo* abriram um leque importante para uma nova sonoridade na música evangélica, através de suas experimentações musicais, além da participação nos festivais de música em que bandas de rock não evangélicas também participavam. Quando nos anos 1990 o rock evangélico expandiu-se por meio dos festivais, os críticos musicais apontaram que o pioneirismo destas bandas ajudou o rock evangélico a vencer o preconceito e renovar a música cristã. Numa matéria da *Folha de São Paulo* em 1997, o jornalista Toninho Spessotto ao ser entrevistado, declarou que “Por meio do pioneirismo de grupos como *Vencedores por Cristo* e *Rebanhão*, surgiram muitos outros, com uma postura moderna, vencendo o preconceito e atingindo os jovens.”³¹

A banda *Vencedores por Cristo* ou carinhosamente chamada pelos fãs de *Vencedores*, nasceu em 1968 de um projeto evangelístico liderado por um missionário norteamericano, Jaime Kemp. O *Projeto 7* tinha o objetivo de treinar jovens universitários através da preparação em estudos bíblicos. Logo depois o projeto começou a se chamar *Vencedores por Cristo*, um ministério voltado para jovens que seriam treinados para levar seu testemunho de salvação pessoal pelo Brasil, através da fé cristã, para outros jovens. O grande instrumento

³¹ Fabian Décio Chacur. *Gospel leva Jesus ao Hard Core. Folha de São Paulo*. São Paulo, 17 de fevereiro de 1997.

para isso foi a música, e assim, a banda surgiu compondo canções que de forma simples e descontraída levasse o Evangelho à juventude brasileira.³²

Em 1968, a banda lançou seu primeiro compacto e em 1971 seu primeiro LP, intitulado *Fale do amor*. Dentre os diversos discos gravados, os que tiveram maior alcance e influência foram *De vento em polpa* de 1977 e *Tudo ou nada* de 1983. A banda até hoje está em atividade, e como é um projeto missionário extenso, já teve diversas formações e vários integrantes, os mais conhecidos deles são Adhemar de Campos, João Alexandre. Jorge Camargo, Sérgio Pimenta e Guilherme Kerr. As suas primeiras composições traziam sonoridades e letras novas, pois era música feita por jovens e para jovens, e isso proporcionou à banda uma grande admiração no meio cristão.³³

Outra banda importante para a cena cristã, que abriu as portas para o rock evangélico foi a *Rebanhão*. Seu fundador foi o cantor Janires Magalhães. A banda lançou seu primeiro disco em 1981 chamado *Mais doce que o mel*. A sua sonoridade já era mais aproximada ao rock. Em uma das canções deste disco, o compositor conclama que toquem um rock para Jesus:

As salas de jantar estão vazias / Os quartos coloridos estão desertos / A poesia que fala que as flores iam crescer / Estão amarrotadas, abandonadas no bolso dos poetas / As notícias dos jornais só falam em morte / Morte! Morte! Morte! Mas como já ensinava o velho profeta / Se a tristeza tentar pegar o seu coração / Pegue a guitarra e cante um rock / Pra louvar Jesus.³⁴

Após gravar mais um disco, em 1985 Janires deixou o grupo e formou a *Banda Azul*. Com ela só chegou a gravar o primeiro disco *Espelho nos olhos* em 1986, pois em 1988 Janires faleceu após um acidente automobilístico.³⁵ O *Rebanhão*, após a saída de Janires, teve outras importantes figuras à frente da produção de suas composições como Carlinhos Félix e Pedro Braconnot. De 1985 até 1999, o *Rebanhão* continuou gravando e lançando discos, depois teve um declínio, mas sua influência para a música cristã foi bastante significativa.³⁶

É importante citar o *Rebanhão* e os *Vencedores por Cristo* porque esses foram os primeiros grupos de música cristã que fizeram crescer a audiência jovem de sua música, pela

³² Esta é a forma como a banda constitui uma narrativa sobre o seu surgimento. A versão pode ser encontrada no site oficial da banda que até hoje está em atividade: <http://www.vpc.com.br/website/default.asp>. Acessado em: 20 de maio 2013.

³³ Idem.

³⁴ Esta música se chama “Salas de jantar” e foi composta por Janires Magalhães, o fundador do Rebanhão. A letra na íntegra pode ser conferida no site: <http://letras.mus.br/rebanhao/1234335/>. Acessado em: 20 de maio 2013.

³⁵ Informação disponível em: <http://www.pavablog.com/2011/01/11/saudade-23-anos-sem-janires/>. Acessado em 13 de junho 2013. É uma matéria que mostra as homenagens a Janires, feita pela ONG *Mocidade para Cristo* em um de seus maiores eventos, o *Som do céu*.

³⁶ Informações mais detalhadas sobre as composições, a discografia e as fases da banda, podem ser conferidas no *Dicionário Cravo Albin da MPB*, que dedicou um verbete à banda em seu site oficial: <http://www.dicionariompb.com.br/rebanhao/dados-artisticos>. Acessado em 20 de maio 2013.

inovação nas composições e na linguagem, o que ajudou ao rock evangélico a tocar o público cristão e atuar em direção a este.

O grande motor da divulgação do rock evangélico e instrumento para sua própria expansão foram os festivais de música evangélica, que reuniam milhares de jovens cristãos em shows de louvor e adoração a Deus. Esses festivais foram bem movimentados a partir dos anos 1990, sobretudo na região metropolitana de São Paulo e na própria capital. Foram festivais grandes, realizados em estádios de futebol, e que tiveram bastante divulgação e repercussão na mídia impressa.

Um dos maiores festivais desta espécie foi o *SOS da Vida*, organizado pela *Igreja Renascer em Cristo*. Sua primeira edição ocorreu nos dias 19 e 20 de julho de 1991 no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo. Nesta ocasião uma das bandas que se apresentaram foi o *Rebanhão*, e ao ser entrevistado pelo jornal *Folha de São Paulo* alguns meses antes do festival, o vocalista da banda na época, Carlinhos Félix, contou qual a proposta da banda e como foi sua recepção no meio evangélico:

Nossa música é de qualidade. A diferença para os outros grupos é que levamos o nome de Jesus através das letras. Nós queríamos entrar na igreja com bateria e guitarra com som distorcido. No início houve um certo preconceito, depois eles aceitaram.³⁷

O objetivo do festival *SOS da Vida* era arrecadar agasalhos para moradores de rua e seu público-alvo era a juventude paulista, que deveria ser evangelizada através da música, sobretudo pelo rock. A primeira edição teve participações de várias bandas, além do *Rebanhão*, *Vencedores por Cristo*, *Katesbarnea*, *Oficina G3* e *Catedral*.³⁸

O crescimento desse grupo de jovens que frequentava os festivais de rock evangélico e daqueles que faziam parte dessas bandas era notícia constante nos jornais locais e nos de maior circulação. Na mesma reportagem da entrevista com Carlinhos Félix, na *Folha de São Paulo* em 1991, é mencionado o crescimento desse grupo por todo o país:



³⁷ Da reportagem local. Bandas evangélicas fazem o rock n' roll sem pecado. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 27 março 1991.

³⁸ Esse é um folheto de divulgação do evento SOS da Vida, encontrado numa edição da *Folha Ilustrada*. Disponível no acervo digital do jornal *Folha de São Paulo*, no endereço eletrônico: <http://acervo.folha.com.br/>. Acessado em 22 de maio 2013.

Os grupos de roqueiros evangélicos começaram a se multiplicar há cerca de dois anos no Rio de Janeiro e São Paulo. Atualmente existem grupos também em Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e no sul do país. Eles tocam rock, funk e som progressivo com letras que levam a Palavra de Jesus. Os roqueiros evangélicos combatem o uso de drogas, bebidas, a pornografia e o sexo antes do casamento.³⁹

Em 26 de outubro de 1991, a *Folha* publicou uma matéria intitulada *Novas bandas de gospel fazem show hoje no Rock in Rua*, realizado em Santo André. Na ocasião se apresentaram as bandas *Katsbarnea* e *Oficina G3*. Esta última é uma das mais importantes e reconhecidas do rock evangélico, e até os dias de hoje está em atividade. O seu primeiro vocalista foi Luciano Azevedo Kuhn, mais conhecido como Manga, era pastor. Segundo ele, ser pastor ajudava os jovens a considerarem seu exemplo e isso o ajudou na liderança à frente da banda, contou também que houve um estranhamento inicial das igrejas diante do rock, mas que isso não foi barreira para a banda ser divulgada e tocar nos lugares. Sobre isso ele declarou: “Algumas facções das igrejas evangélicas não aceitam o gênero rock como manifestação religiosa, mas isso não chega a causar problemas.”⁴⁰

A *Katsbarnea* foi outra banda que movimentou esse cenário do rock evangélico; era presença marcada em vários festivais em São Paulo. A banda era ligada diretamente à *Fundação Renascer*, grande organizadora desses festivais.⁴¹ Um desses eventos foi o festival *RiopreGospel*, realizado em São José do Rio Preto em 30 de agosto de 1993, em que sete mil expectadores ajuntaram-se no Estádio Anísio Haddad. Nessa ocasião a *Katsbarnea* cancelou sua apresentação por motivos não declarados, mas outras bandas, sem cobrar cachê, tocaram para o público composto de jovens evangélicos e não evangélicos. Apresentaram-se as bandas *Actos 2*, *Conexão 3*, *Oficina G3*, *Troad*, *Godspell* e *Beraca*. O vocalista da banda *Beraca*, Thalles Lazaroto Júnior, entre uma música e outra não hesitou em contar à multidão seu testemunho de mudança de vida através da Palavra de Deus: “*Cheirei cocaína dos 17 aos 28, só parei quando aceitei Jesus.*”⁴²

O repórter da *Folha* colheu alguns fragmentos da fala de alguns jovens que estiveram no *RiopreGospel*: “A senha do RiopreGospel é Jesus e o som é isso mesmo: é pauleira cristã!”, disse Marcos Antônio Rocha, um dos coordenadores do festival. Outra declaração interessante foi a de Sérgio Eduardo Germano Vieira, presidente de uma entidade de recuperação de toxicômanos que estava sendo beneficiada com a arrecadação do evento: “Este show é algo

³⁹ Da reportagem local. *Op. Cit.*

⁴⁰ Da redação. Duas bandas de gospel fazem show hoje no Rock in Rua. *Folha ABCD*. São Paulo, 26 de outubro 1991.

⁴¹ *Idem.*

⁴² *Idem.*

revolucionário e as músicas que estamos ouvindo são de protesto. As bandas conseguem a única coisa que faltava: reunir várias igrejas em torno de um só objetivo”.⁴³

Em 4 de setembro de 1993 saiu uma matéria do mesmo jornal com o título *Rock Beato sai da igreja e vira fenômeno*, mostrando o crescimento das bandas evangélicas e do público que as ouvia, iam aos seus shows e compravam seus discos. Cita bandas importantes para a cena como o *Fruto Sagrado*, *Livre Arbítrio*, *Resgate*, além das já conhecidas *Katsbarnea* e *Oficina G3*. Nesse momento já se vê o grande crescimento desse gênero musical em números de vendas de discos e a ampliação da sua divulgação por meio das gravadoras evangélicas já existentes.⁴⁴

O pastor Estevam Hernandes, fundador da *Igreja Renascer em Cristo* e da *Fundação Renascer*, organizadora de um dos grandes festivais de música gospel do Brasil, o *SOS da Vida*, que também colaborava na composição de músicas da banda *Katsbarnea*, falou sobre o crescimento do gênero: “Essa música está estourando agora porque temos canais de expressão. Esses grupos já conseguem se exprimir fora das igrejas e pequenos teatros.”⁴⁵

Desde já é importante perceber que houve uma mudança nas igrejas evangélicas em relação ao rock. Inicialmente, as igrejas mais tradicionais não queriam que seus jovens ouvissem e tocassem o rock, agora as próprias igrejas apropriaram-se do rock com o objetivo de atrair os jovens para suas congregações. A *Igreja Renascer em Cristo* é um exemplo desse movimento que se modificou com o advento das igrejas neopentecostais, que promoveram uma liberalização comportamental, em resposta aos usos e costumes rígidos das igrejas tradicionais.⁴⁶

Em 1994, numa reportagem sobre comportamento, foi mostrado o crescimento do movimento gospel entre os jovens na região metropolitana de São Paulo, justamente com o avanço da *Igreja Renascer* naquela região. A igreja já contava com templos na capital, e também em Santo André e em São Bernardo do Campo, além de unidades em outros estados do Brasil e até fora do país. Segundo o pastor da *Renascer* em Santo André, Edicir Ferreira Nunes, o principal canal para a evangelização dos jovens era a música: “A música é o melhor jeito de atingir os jovens, que é o nosso objetivo maior.”⁴⁷

⁴³ Idem.

⁴⁴ Bernardo Carvalho. *Rock Beato sai da igreja e vira fenômeno*. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 4 de setembro 1993.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 32.

⁴⁷ Denise Perotti. *Movimento gospel ganha reforço de teens da região*. *Folha ABCD*. São Paulo, 2 de janeiro 1994.

A *Igreja Renascer* continuou tendo uma grande importância para a cena do rock cristão através da banda *Resgate*. Já nos anos 1990 o movimento gospel brasileiro trazia modernização para a música, como dito pelo vocalista da *Resgate* e bispo da *Renascer*, José Bruno: “Os jovens estão vendo que não é preciso seguir um estereótipo para encontrar Deus, que gospel não é música de crente usando terninho e visual careta.”⁴⁸

O primeiro LP da *Resgate*, lançado em 1991, denominado *Vida, Jesus e Rock n'roll*, já apresentava uma sonoridade divertida para comunicar a palavra de Deus como na música *Rock da vovó*:

A minha avó que me dizia: Filho, não vá se arriscar/ Nesse mundo tem viagens que não dá pra voltar/ Foi ela mesmo que me disse pra eu te procurar/ Pois você tinha uma passagem guardada, pra eu retornar/ Pra deixar a seringa/ Busquei de coração/ Você me libertou/ Eu deixei aquela droga de vida/ Você me tirou daquela vida de droga/ Achei a paz que eu queria/ Foi Você quem deu/ Meu Jesus.⁴⁹

Outro líder religioso ligado à *Igreja Renascer* que fez parte da cena do rock cristão foi o pastor Manga, primeiro vocalista do *Oficina G3*, que em entrevista contou as origens do seu gosto pelo rock: “Sempre fui fã de Deep Purple, Led Zeppelin e Rush. Quando me converti, quis fazer música cristã com esse tipo de som.”⁵⁰ Na mesma reportagem, o autor menciona a atitude do público que ouve rock cristão e vai aos shows: “A atitude da platéia gospel é semelhantes a de um evento de rock comum. Além do som e visual jeans/ camisa/ tênis, há os tradicionais moshes (saltos de fãs sobre o público).”⁵¹

As características do discurso desses jovens evangélicos parecem ser as mesmas: a defesa da moralidade cristã juntamente com as inovações trazidas pela estética rebelde do rock. Os roqueiros cristãos parecem querer se diferenciar do religioso tradicional, e mesmo compartilhando da mesma fé e frequentando o mesmo templo, querem deixar claro que seu papel nesse espaço compartilhado é diferente. Um dos traços da identidade é quando um grupo se define de uma forma para demarcar a alteridade, a diferença dele para outro.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.⁵²

⁴⁸ Fabian Décio Chacur. *Gospel leva Jesus ao Hard Core. Folha de São Paulo*. São Paulo, 17 de fevereiro de 1997.

⁴⁹ Informações sobre as letras de música e os demais discos da banda *Resgate*, foram encontradas no seguinte endereço eletrônico: <http://www.bandaresgate.com.br/>. Acessado em 27 de maio 2013.

⁵⁰ Fabian Décio Chacur. *Op. Cit.*

⁵¹ Idem.

⁵² POLLAK, *Op. Cit.*, p. 205.

Nas cartas do leitor endereçadas à redação do jornal *Folha de São Paulo*, uma jovem evangélica e roqueira relata como é sua vida dividida entre o gosto pelo rock e pela prática da sua fé:

Sou uma garota de 15 anos, gosto de me vestir de uma maneira diferente dos outros. Uso *piercing*, frequento a Galeria do Rock e me correspondo com todos os tipos inimagináveis do planeta. Eu e meu pai temos uma vasta coleção de CDs, incluindo *Led Zeppelin*, *Deep Purple*, *Rainbow*, *Offspring*, *Raimundos*, e vamos a todos os shows de rock que tem, e somos evangélicos!!!⁵³

O comportamento, os símbolos, a estética, a linguagem, tudo isso caracteriza os jovens cristãos e roqueiros que, no Brasil, ouvem e cantam as músicas que falam de Deus num ritmo pesado. As práticas sociais desses grupos revelam, segundo acreditam, uma espécie de linguagem contracultural, pois produzem uma ruptura com a linguagem musical aceita como própria do movimento evangélico ligado às igrejas tradicionais. Para isso buscam uma coerência interna, de modo a se afirmar frente àqueles que os constituem como um outro, estranhos ao ritual tido como adequado à comunidade a qual dizem estar filiados.⁵⁴ Visando o objetivo de evangelizar, os grupos que participavam dos festivais e eventos realizados pelas igrejas neopentecostais ao longo da década de 1990 acabaram criando uma rede de comunicação e amizade, consolidando o grupo e sua identidade. Como posto por Diogo da Silva Cardoso:

Uma das características notáveis do fenômeno *contracultural* evangélico está na *forte ligação* que boa parte destes grupos mantém entre si. Assim sendo, *forjam uma rede cultural* que mobiliza centenas de adeptos para a ida aos encontros, atraindo não apenas undergrounds cristãos, mas também seculares (não-evangélicos) e evangélicos dos mais tradicionais, ansiosos e curiosos por conhecerem o trabalho evangelístico de missões urbanas.⁵⁵

Esse é um fragmento do cenário do *underground* cristão que através do rock foi moldando uma boa parte da juventude evangélica que buscava reafirmar sua identidade, quase atuando como numa militância partidária, em que vestiam de fato a camisa da cena. A multiplicidade de atores, o surgimento de inúmeras bandas de rock, o crescimento das igrejas neopentecostais, a importância das gravadoras e dos festivais de música evangélica, tudo isso compôs essa temporalidade múltipla e efervescente do *underground* cristão nos anos 1990. Com o rock consolidado como um instrumento de comunicação e identificação nos anos 2000 tentaremos apreender essa moldura através de um exemplo pontual do que era ser jovem, roqueiro e cristão nesta década: Rodolfo Abrantes.

⁵³ Cartas. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 10 de fevereiro 1997.

⁵⁴ Segundo Hall, a “identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ”preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 39.

⁵⁵ CARDOSO, Diogo da Silva. Guerreando em nome do Senhor: sobre o underground cristão e evangélico no Brasil, suas territorialidades e o exemplo do grupo Metanóia (RJ). *Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH*. Maringá - PR, v.1, n.3, 2009, p. 9. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acessado em 28 de maio 2013. (grifos meus).

Capítulo 2. Do “puteiro” ao templo: uma conversão em especial

Como vimos, os festivais de música, as gravadoras, a liberalização das igrejas, os grupos urbanos, tudo isso ajudou à divulgação do rock evangélico durante nos anos 1990, e na década seguinte ele já era uma realidade. A isso se soma a entrada maciça do neopentecostalismo nas igrejas brasileiras, e o espaço que essas denominações abriram para os jovens, como teremos oportunidade de constatar ao longo deste capítulo. Nos anos 2000, o rock evangélico já havia criado raízes na música cristã e com um contingente de bandas cada vez maior conseguiu firmar-se como mais uma tradição no meio evangélico.

Enquanto isso, no meio secular, desde a década de 1980 o rock brasileiro estava em alta, e o rock brasiliense tem participações importantes nos capítulos dessa história. Depois do sucesso da *Legião Urbana*, *Capital Inicial*, *Plebe Rude* nos anos 1980, na década seguinte, um novo fenômeno surgiu: os *Raimundos*. A banda misturava *hardcore*, reggae e batidas de forró, era o chamado *forró-core*.⁵⁶ A banda nasceu em Brasília fazendo som nas garagens das casas dos integrantes, Rodolfo, Canisso, Fred e Digão, e de outros personagens da cena.

Rodolfo Abrantes ficou conhecido pelo seu trabalho na banda, sendo o vocalista e o principal compositor. Em um programa da *MTV* em 1995, que acompanhou os *Raimundos* em seus shows pelo Nordeste, Rodolfo é capturado pelas câmeras soltando piadas e palavrões em seu dia-dia com a banda, com quem nem sempre estava em harmonia, e no palco, animando o público com as canções.⁵⁷ Na ocasião Rodolfo falou da sua inspiração e dos outros integrantes para compor as músicas e afirmou que suas músicas sempre contam uma história. Esse é o caso da canção *Puteiro em João Pessoa*. Aproveitando que a turnê registrada pelo programa passou pela cidade, Rodolfo relembrou sua primeira aventura sexual em companhia de seus primos, justamente em frente ao Motel Roda Viva. A experiência em forma de música ficou assim. Vejamos um trecho:

Ô menino abobado deixe mão pra painho / Venha comigo e com Augustinho / Tu vai ser inaugurado / Pois tu sabe, na família, nunca teve afrescado / Chegar no Roda Viva tu vai ser homenageado / Quando eu cheguei no recinto o forró já tava bravo / Bando de nêgo suado dançando com as rapariga / E o forró comia solto tinha um véio dos óio torto / De tanto beber cachaça e disse / "Essa menina ela só vai te deixando arretado" / Meu primo me olhou de lado e disse: "coitado" / Era uma quenga fedorenta, daquelas da mais nojenta / Foi num puteiro em João Pessoa / Descobri que a vida é boa / Foi minha primeira vez.⁵⁸

Este é um fragmento interessante que sintetiza como eram as letras dos *Raimundos*, e de que forma eram expostas as propostas da banda para o rock brasileiro. A banda gravou

⁵⁶ JANOTTI JÚNIOR, Jeder. *Op. Cit.* p. 51.

⁵⁷ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=B9BYhrqfpNE>. Acessado em: 30 de maio 2013.

⁵⁸ “Puteiro em João Pessoa”. Rodolfo, Digão. RAIMUNDOS, Raimundos. São Paulo: Warner Music, 1994, faixa 1.

suas músicas inicialmente através do selo *Banguela*, e só depois se lançou por uma grande gravadora, saindo de Brasília e seguindo para o eixo Rio-São Paulo. Com Rodolfo no *frontman* gravaram seis discos: *Raimundos* (1994), *Lavô tá novo* (1995), *Lapadas do povo* (1997), *Cesta básica* (1997), *Só no forévis* (1999), *MTV Ao Vivo Raimundos* (2000).⁵⁹ O álbum *Só no forévis* fez a banda estourar e ganhar muitos prêmios, com músicas cheias de humor, falando de drogas, sexo, sempre com muitos palavrões.

A figura de Rodolfo à frente da banda é sempre irreverente, com um ar desligado, usava *dreads* no cabelo e tatuagens. Sua performance foi assim descrita pelo historiador Jorge Alexandre Fernandes Anselmo Sobrinho:

O uso das mãos é frequente, apontando para a plateia e fazendo gestos que não estariam fora de lugar no mundo do rap/hip-hop. Ao mesmo tempo, a maneira como ele coloca a voz, fazendo sotaques nordestinos para os personagens das músicas, imitando o modo de cantar dos repentistas, ou simplesmente cantando as melodias escritas por seu grupo, também merecem destaque.⁶⁰



Imagens dos *Raimundos* na divulgação de um de seus discos e em uma apresentação ao vivo.

Em meados do ano 2000, em meio ao grande sucesso da banda com o álbum *Só no forevis* e shows da turnê do cd *MTV Ao Vivo*, Rodolfo passou por uma experiência marcante: nos seus dias de folga, já morando em São Paulo, Rodolfo começou a receber em sua casa reuniões de irmãs de uma igreja evangélica, por influência de sua namorada Alexandra, hoje sua esposa. Estas reuniões ficaram cada vez mais frequentes, e influenciaram sua ida a igrejas evangélicas. Após viver uma experiência de cura de um câncer no estômago e de ter conseguido largar a maconha, em janeiro de 2001, ele se converteu à igreja evangélica.⁶¹ Mesmo depois de convertido, Rodolfo ainda tocou em alguns shows com os *Raimundos*, mas assim que a turnê terminou o cantor comunicou aos colegas que iria sair da banda. Evandro

⁵⁹ <http://www.vagalume.com.br/raimundos/discografia/>, acesso em 06 de setembro de 2012.

⁶⁰ ANSELMO SOBRINHO, Jorge Alexandre Fernandes. *Entre a sanfona e a guitarra: hibridismos e identidades no rock'n'roll e heavy metal nacionais dos anos 90*. Mestrado em História. PPGHIS, Universidade de Brasília, 2013, p. 61.

⁶¹ O testemunho de Rodolfo sobre sua conversão à igreja evangélica pode ser conferido no DVD *Ele continua o mesmo*, feito especialmente para esse fim. O mesmo material pode ser visto também em: <http://www.youtube.com/watch?v=YBdo6VIAGE8>. Acessado em: 2 de junho 2013.

Vieira, que também fez parte da cena do rock de Brasília com a banda *Quebraqueixo* e amigo bem próximo dos integrantes dos *Raimundos*, em seu livro sobre as memórias do rock brasileiro, conta em detalhes a decisão de Rodolfo e como foi o anúncio à gravadora e à imprensa:

O último show do Raimundos com o Rodolfo nos vocais foi no dia seguinte, na cidade paulista de Americana. Dois dias depois a banda se reuniu com a gravadora para uma vantajosa renovação de contrato. Foi aí que, para a surpresa de todos, Rodolfo comunicou que não faria mais parte da banda. Falei com ele por telefone um pouco antes da reunião, Rodolfo me disse emocionado que logo seria um homem livre.⁶²

Sua saída da banda e sua conversão foram noticiadas em vários jornais. Ele foi muito criticado por essa decisão e a separação dos colegas de banda foi conturbada e desaprovada pelos fãs. De fato era uma grande mudança: o cara que meses antes escrevia letras com palavrões, falando de sexo e drogas, havia se convertido, virado crente? De acordo com Evandro Vieira, a decisão parecia contrariar a lógica, pois ele saía no momento de maior sucesso da banda:

Sei que para a maioria, ficou muito difícil de entender esses acontecimentos, Rodolfo desistiu de tudo no auge da carreira e isso é o que mais incomoda as pessoas. Pelos padrões o artista só deve virar “crente” quando está em franca decadência e isso não era o caso dele. Todo mundo acha que é maravilhoso ser famoso, mas esse meio é cheio de gente falsa. É uma pesada atmosfera de inveja e ganância. Sabia que Rodolfo há muito tempo não estava feliz na banda e sua saída era inevitável. Só que acho que a ruptura deveria ter sido mais amena, menos traumática.⁶³

A conversão de Rodolfo significou um importante meio de divulgação da fé evangélica, sobretudo entre os jovens que eram fãs dos *Raimundos*. Logo ele se converteria num símbolo para os jovens convertidos. Em junho de 2001, dias depois do anúncio de sua saída da banda e conversão à igreja evangélica, várias reportagens rechearam os noticiários, mostrando a imediata identificação da juventude evangélica com a conversão do músico:

Eu não ouvia as músicas mais pesadas. A não ser nos dias em que eu tinha vontade de xingar todo mundo. Fiquei feliz com a conversão do Rodolfo. (Cíntia Alves Falchi, 17 anos).

Isso [a conversão do Rodolfo] mostra que o povo de Deus está crescendo mais e que está buscando pessoas como ele. (Débora Lopes, 17 anos).

Já encontrei ele nos cultos. Isso foi antes de a banda acabar. Perguntei como estavam os outros integrantes do grupo e peguei um autógrafo. (Rafael Falchi, 13 anos).⁶⁴

Um caminho para se compreender esse grupo de roqueiros cristãos pode ser encontrado nos argumentos de Michel Maffesoli quando analisa a sociedade moderna e traça

⁶² VIEIRA, Evandro. *Esfolando ouvidos: memórias do hardcore em Brasília*. Brasília: edição do autor, 2005, p. 83.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Augusto Pinheiro. Jovens evangélicos que frequentam a Sara Nossa Terra são irreverentes na fé, mas permanecem conservadores na defesa da moral. *Folha de São Paulo*: São Paulo, 26 de junho 2001.

uma característica peculiar dela: o tribalismo. Em seu livro *O tempo das tribos*, o autor reflete sobre como se dá a formação dos agrupamentos sociais na sociedade contemporânea: *A desumanização real da vida urbana produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos.*⁶⁵ E que nesse caso volta-se ao compartilhamento da fé e das práticas ligadas a ela.

Assim, o testemunho de Rodolfo torna-se uma referência base para todo o grupo de jovens que se identificam com ele. Então, nesse novo universo em que o cantor está inserido, é constante a relação entre seu testemunho pessoal e a interpretação do grupo sobre ele. Maffesoli ainda acrescenta:

Trata-se de um permanente pôr em relação, de um relacionismo essencial onde a experiência biográfica pessoal se corrige e se alarga na experiência biográfica geral. [...] O homem não é mais considerado isoladamente. E mesmo quando admitimos, e eu teria a tendência em fazê-lo, a preponderância do imaginário, não devemos esquecer que ele resulta de um corpo social e que, de retorno, volta a materializar-se nele.⁶⁶

Rodolfo visitava várias igrejas pentecostais na periferia de São Paulo, embora inicialmente a imprensa tenha afirmado que a sua igreja era a *Sara Nossa Terra*.⁶⁷ Depois de algum tempo visitando diversas igrejas, Rodolfo tornou-se membro da *Bola de Neve Church*, uma igreja neopentecostal fundada em 1993, por Rinaldo Luís de Seixas Pereira, mais conhecido por Apóstolo Rina, um ex-surfista que a fundou com o objetivo de levar o Evangelho para tribos urbanas como os próprios surfistas, skatistas, roqueiros, praticantes de esporte.⁶⁸ Em um vídeo contando seu testemunho, Rodolfo fala dos motivos que o levaram a ser membro da *Bola de Neve*:

As pessoas que me evangelizaram, ou seja, que me trouxeram a Palavra de Deus, não era uma galera que tinha a minha cara. Não era uma parada que eu chegava e me sentia: tô aqui na minha tribo! Não! Era um monte de “veinha”, aquelas de cabelão até o pé. Eu me achava muito esquisito no meio daquela galera. Mas era um diferente pra muito melhor do que eu já tinha vivido na minha vida. [...] Mas um belo dia, o Apóstolo Rina me chamou pra ir em um culto, e chegando lá vi gente que nem eu, gente com a minha cara, uns manos de regata levantando as mãos e adorando a Deus, diáconos com uns *dreadlocks* no meio da cintura! Eu pensei: Meu Deus! Uma galera com a minha cara, na mesma *vibe!*⁶⁹

A *Bola de Neve* foi uma dessas novas denominações que propuseram a abertura para jovens do meio *underground*. Assim como a *Igreja Renascer em Cristo* nos anos 1990, a *Bola*

⁶⁵ MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998, p. 82.

⁶⁶ Idem, p. 97-8, 104.

⁶⁷ Augusto Pinheiro. *Op. Cit.*

⁶⁸ Informações disponíveis no site da *Bola de Neve Church*: <http://www.boladeneve.com/>, acessado em 5 de junho 2013.

⁶⁹ Fala disponível no vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=pGriBtRyWPY>. Acessado em 4 de junho 2013.

de Neve apostou em estímulos para atrair e manter jovens em seu rol de membros.⁷⁰ Estes jovens buscavam um grupo em que fossem aceitos, que tivessem em comum a fé e o estilo descolado. E esse contato grupal vem afirmar a identidade individual desses jovens. Stuart Hall chama esta identidade individual de “eu real”, *que é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem*.⁷¹

A *Bola de Neve* teve um papel importante na cristalização como ambiente de trocas para a fé de Rodolfo, e isso foi algo recíproco. Ele sempre foi uma figura que influenciou a juventude de forma significativa tanto nos *Raimundos* quanto após sua conversão. Sobre isso ele comentou numa entrevista:

Antes eu era muito conhecido pelo que eu era, mas hoje já tem uma geração que me conhece pelo que eu sou. Isso é muito gratificante. Talvez eu seja uma das poucas pessoas que tiveram a graça de poder tocar jovens, depois morrer pra isso e ainda continuar tocando jovens, mas numa outra geração.⁷²

Os *Raimundos* permaneceram com Digão nos vocais e continuaram com a banda e estão na ativa ainda hoje. Apesar da história longa com Rodolfo nos vocais, a banda, em seu site oficial, sequer cita a época em que o cantor estava na banda, pelo contrário, parecem querer silenciar essa parte da história:

Ao contrário do que muitos ainda possam pensar **o Raimundos nunca se resumiu à imagem de um único integrante**. Marquim está conosco desde 2001 e trouxe novos elementos ao processo criativo e execução das músicas. O mestre dos baixos, Canisso, voltou após cinco anos afastado para resgatar a sonoridade original e dar o gás que faltava para colocar o Raimundos onde ele merece. [...] Muito prazer, nós somos o Raimundos, os malucos de Brasília. Se alguém chegou a pensar que o fim esteve próximo, aí vai uma novidade. Aqui ninguém desiste!⁷³ (Grifo meu)

Alguns meses depois da saída dos *Raimundos*, Rodolfo fundou a banda de *hardcore* chamada *Rodox*, com *riffs* pesados e vocal gritado junto a letras de conteúdo reflexivo. A banda compareceu a diversos programas televisivos. Com a nova banda Rodolfo gravou dois discos: *Rodox* e *Estreito*, ambos em 2003.⁷⁴ Nas músicas do *Rodox*, como se verá, Rodolfo demonstra sua mudança de vida, sempre falando em uma nova fase, um novo começo.

⁷⁰ JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo Rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. *Religião & Sociedade*. n. 2 (27). Rio de Janeiro: ISER, 2007. (Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200007&lng=en&nrm=iso - acessado em: 2 de junho 2013.

⁷¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 11.

⁷² Essa fala de Rodolfo está em uma entrevista disponível na internet, no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=E4zHU9uXWX0&list=WL60CDC51AB62E5AC2>. Acessado em: 5 de junho 2013.

⁷³ Informações colhidas no site oficial da banda: <http://www.raimundos.com.br/home/banda/>. Acessado em 30 de maio 2013.

⁷⁴ <http://www.vagalume.com.br/rodox/discografia/>, acessado em 3 de junho 2013.

No início da sua conversão, Rodolfo deu entrevistas a canais de comunicação para explicar sua saída dos *Raimundos* e para falar do seu novo trabalho no *Rodox*. De acordo com matéria da *Folha de São Paulo*, Rodolfo declarou que o fato de ter se transformado em evangélico não influenciou sua saída da banda, e que a ruptura com o antigo grupo deu-se por motivos profissionais e por descontentamento com o trabalho que vinham desenvolvendo.⁷⁵ Na ocasião, declarou: *Eu via bandas aí da mídia perdendo sua ideologia por sucesso, eu achava isso horrível. Quando vi, o Raimundos virou isso. Virou a banda que toca Reggae do Manero.*⁷⁶

Nas suas falas em entrevistas e no seu trabalho de composição no *Rodox*, Rodolfo anuncia sua mudança de vida e seu novo horizonte de fé. Suas declarações sempre emitiam essa novidade: *Dizem que eu estou diferente. Foi uma mudança radical em relação ao que eu era, mas hoje sou o verdadeiro Rodolfo. Antes é que eu andava diferente.*⁷⁷

Na canção *De uma só vez*, Rodolfo expõe que sua mudança de vida foi algo voluntário e consciente:

De uma só vez eu fiz / Algo mudar minha vida / Pra ser como eu sempre quis ser / Eu reguei uma semente / Que vingou e eu simplesmente / Não quis mais olhar pra trás / Reaprender como se faz / O velho caiu, o novo homem nasceu / Vivendo no estreito / Decisão que vem do peito / Eu abro e fecho / E tiro a solução pro que não deu.⁷⁸

Em outra música, *Cego de Jericó*, o cantor fala da sua transformação e do seu encontro com Deus, que fez como que ele mudasse seus conceitos e que o tornou uma nova pessoa:

Pura verdade, grande é a transformação / Eis que vem o peso do toque da mão de quem / Esteve lá quando eu estava só / Mais de uma vez, eu só quis ficar bem / E fiquei bem melhor / Quem criou o céu e o mar / Ao acordar não terás o nó / Que o prende às leis / Vi a queda de reis perante um nome só / É por amor que ainda existo / Hoje renascido em Cristo / Mais um cego em Jericó / Sei que me ouviste quando ajoelhei no chão / Pedi perdão e disse adeus ao homem triste / Vou me entregar a Ti / Por tudo que aconteceu / E pelo que há de vir.⁷⁹

O baixista Canisso saiu dos *Raimundos* e juntou-se a Rodolfo no *Rodox* onde permaneceu por pouco tempo. A divergência de ideias e de fé, fez com que ele retornasse aos

⁷⁵ Augusto Pinheiro. Ex-líder dos Raimundos, Rodolfo dá outras razões, não religiosas, para justificar sua saída. *Folha de São Paulo*: São Paulo, 22 de junho de 2001.

⁷⁶ A canção *Reggae do Manero* compõe o repertório do cd *Raimundos Ao Vivo*. Longe de configurar-se como letra com conteúdo de protesto ou revolta, própria do universo Hardcore, a letra remete a situações bizarras. Apenas para ficar num breve exemplo, um trecho do refrão diz: “Ô mãe! vê se me manda um dinheiro / Que eu tô no banheiro / E não tem nem papel pra cagar.” Rodolfo declara, ainda, que ficou revoltado quando esta música foi escolhida como música de trabalho do CD *Ao vivo*. Cf. Augusto Pinheiro. Ex-líder dos Raimundos, Rodolfo dá outras razões... *Op. cit.*

⁷⁷ Pedro Alexandre Sanches. Rodolfo se lança ao hardcore evangélico. *Folha de São Paulo*: São Paulo, 12 de fevereiro de 2002.

⁷⁸ RODOX. “De uma só vez”. ESTREITO, Rodox. São Paulo: Warner Music, 2003, faixa 3.

⁷⁹ RODOX. “Cego de Jericó”. ESTREITO. São Paulo: Warner Music, 2003, faixa 6.

Raimundos, onde está atualmente. Esse fato anunciava o que faria com que o *Rodox* tivesse pouca duração: a incompatibilidade dos outros integrantes em relação à fé de Rodolfo, o que tornou a convivência difícil, culminando com o fim da banda em agosto de 2004.⁸⁰

Na gravação oficial de seu testemunho, Rodolfo fala que o *Rodox* foi um escape para desabafar contra todos os mal-entendidos da sua saída dos *Raimundos*, e que usava a banda para querer mostrar que o novo grupo era musicalmente superior aos *Raimundos*. Isso foi considerado por ele um erro, pois esse não deveria ser o propósito para se ter uma banda.⁸¹

Esse foi um dos motivos para que Rodolfo, em 2004, seguisse em carreira solo acompanhado de músicos que professavam a mesma fé. Mas somente dois anos depois é que gravou seu primeiro disco, *Santidade ao Senhor*. Nele, a sonoridade é bem diferente do *Rodox*, que antes apresentava *riffs* bem mais pesados e um vocal mais forte. Este último veio com uma proposta de rock com sonoridade mais leve, com letras explícitas sobre sua fé, dirigida em adoração a Deus e em agradecimento pela sua mudança de vida, tema dos mais recorrentes em suas letras. Em 2007, lançou o segundo disco, *Enquanto é dia*, seguindo formato parecido com o primeiro. Vejamos alguns trechos de músicas que demonstram essa mudança:⁸²

Não vivo sem poder ouvir o som / Da tua voz falando a mim / De tão perto quase posso te tocar / Como um segredo que eu sempre quis alguém pra contar / Fiel pra terminar o que começou / Eu não posso parar aqui / Cada passo que eu dou é pra te alcançar / És o caminho que eu decidi trilhar.⁸³

Não quero mais negar tua verdade / Sem Ti em mim fiquei sem direção / Me perdi quando eu deixei de escutar / Tua voz que me acalmava o coração / [...] / Tudo é melhor contigo / Recebe-me / Pois Tu és meu amigo / Quase perdi meu bem mais precioso / Que é estar em tua presença / Eu nunca mais vou te deixar.⁸⁴

Sempre quando Rodolfo fala de seu passado, traz à tona lembranças ruins dos tempos anteriores à conversão. Em entrevistas, testemunhos e nas músicas que passou a compor após a separação do grupo, sempre quer deixar claro que agora vive um momento novo e que o presente é melhor que o passado. Com isso, seu discurso constantemente assinala quem é e como quer ser visto pelos outros. Opera-se aí um mecanismo próprio aos processos de

⁸⁰ Thiago Guimarães. Diferenças de relacionamento provocam fim do Rodox. *Folha de São Paulo*: São Paulo, de 13 de Agosto de 2004.

⁸¹ Conferir em: <http://www.youtube.com/watch?v=YBdo6VIAGE8>. Acessado em: 2 de junho 2013.

⁸² <http://www.vagalume.com.br/rodolfo-abrantes/>, acessado em 3 de junho 2013.

⁸³ RODOLFO ABRANTES, “Seja feita a tua vontade”. SANTIDADE AO SENHOR, Rodolfo Abrantes. São Paulo: Bola Music, 2006, faixa 5.

⁸⁴ RODOLFO ABRANTES, “Saudades de casa”. ENQUANTO É DIA, Rodolfo Abrantes. São Paulo: Bola Music, 2007, faixa 8.

identidade que demonstra claramente como a construção de si ocorre através da comparação memorialística presente nas letras do músico. Como dito por Michael Pollak:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.⁸⁵

O discurso de Rodolfo sobre sua nova identidade, após a conversão, é sempre construído de forma linear: foi curado de um câncer, deixou de usar drogas, de falar palavrões e casou-se com Alexandra – antiga namorada que o apresentou à doutrina cristã –; este é o *testemunho* frequentemente mencionado por ele, como nesta entrevista em outubro de 2011 para a revista *Rolling Stone*:

Se tem uma coisa que eu não mudei até hoje é o fato de que eu canto o que vivo. A doideira que eu cantava nos Raimundos era a doideira que eu vivia. Então, não tinha mais a cara de pau de cantar um negócio em que eu não acreditava, que eu não vivia [mais]. E aí, sim, entra o mérito de... por eu ter me entregado a Cristo. Porque eu comecei a viver uma vida nova, e ele começou a me transformar em quem eu deveria ser desde o princípio.⁸⁶

Com a conversão de Rodolfo a estética mudou: a forma de compor, a forma de lidar com o público, a forma de falar e até de se vestir. No *Rodox*, levado por um som mais agitado, pulava pelo palco. Ele ainda queria parecer o mesmo jovem “descolado” dos *Raimundos*, dizia muitas gírias, ao mesmo tempo em que falava que era bom *viver com Jesus no coração*. Já na sua carreira solo, mais voltada à adoração, ele se mostra maduro, sua fala é mansa, mas firme e convicta de sua fé. A postura no palco também muda: sempre acompanhado de uma Bíblia, com as mãos erguidas ao céu, com a cabeça baixa, olhos quase sempre fechados.



Outra mudança de Rodolfo foi em sua relação com o mundo profissional da música. Nos *Raimundos* a relação com o *mainstream*, ou seja, com o mundo das grandes gravadoras e do

⁸⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 6.

⁸⁶ Trechos de entrevista, disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-61/divina-intervencao>, acessado em 23 de abril 2013.

marketing era intensa, chegando até a determinar quais seriam as músicas de trabalho da banda.

⁸⁷ No *Rodox*, o cantor também tinha compromisso com as opiniões da gravadora em sua música, que seguia de perto aquela que fazia nos *Raimundos*. Já em sua carreira solo, Rodolfo desvinculou-se de quaisquer resquícios do *mainstream*, e se orgulha de ter a companhia de músicos que são seus amigos, e que todo o seu aparato de show cabe dentro de um carro, de fato uma forma alternativa de trabalho. Sobre isso, Rodolfo opinou com veemência:

Existem bandas cristãs hoje em dia que viajam com uma estrutura que não deixam nada a desejar à estrutura de bandas seculares. Isso é uma escolha de cada um, eu particularmente optei por uma coisa mais enxuta. [...] O equipamento de show, a minha banda hoje cabe dentro de um carro, tranquilamente. Eu não tenho gravadora por opção, eu não tenho empresário por opção, eu não tenho uma grande equipe por opção.⁸⁸

Mesmo Rodolfo sendo evangélico e não tendo mais ligação com a música secular, em várias oportunidades, salienta que não gosta de ser rotulado como um artista gospel, por desejar que sua música não alcance somente os evangélicos e as igrejas, mas pessoas ainda não convertidas. E prossegue: *Se tem uma coisa que eu fujo completamente é desse rótulo de artista gospel. Isso é pra matar! Cantor gospel? Pelo amor de Deus! A Bíblia não me chama disso.*⁸⁹

Mas percebemos que o rock cristão se apropria da estética do rock secular, mas não do aspecto *sexo, drogas e rock n' roll*, embora se aproprie de outros aspectos, como a rebeldia jovem. Usa a sonoridade como base para cantar sobre a fé e a prática da vida cristã. Em outra entrevista, Rodolfo critica no rock o que ele identifica como destrutivo:

Existe uma característica do rock que não precisa ser: autodestrutivo. Isso é uma mentira, não precisa ser. Eu vejo com muita tristeza pessoas querendo liberdade e se envolvendo num estilo de vida que é escravidão pura, que não consegue largar. O sistema é tão perfeitinho na sua articulação que se você quer se rebelar, ele tem um molde pra você, você se rebela moldadinho pelo sistema. E quando você se rebelar, você vai se arrebentar e seu próprio estilo de vida vai acabar com você. Não vejo nada mais careta do que você simplesmente copiar um molde que deu errado por todos os anos, porque não tem ninguém que diga “eu me droguei a vida inteira e isso me fez bem pra mim.” Isso não existe.⁹⁰

A cena *underground* que surgiu no meio cristão/evangélico brasileiro já foi estudada por Airton Luiz Jungblut. Ao fazer uma análise sobre a trajetória de Rodolfo, este autor sugere que a tentativa do músico de manter a estética do rock, acrescentando a sua música as questões relativas a seu novo credo era um “dilema identitário” com o qual o artista passou a lidar.

Essa adulteração semântica que necessitam operar apresenta-se, no entanto, como um exercício muito difícil de ser realizado, pois eles precisam agir esteticamente sintonizados

⁸⁷ Essa fala de Rodolfo está em uma entrevista disponível na internet, no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=E4zHU9uXWX0&list=WL60CDC51AB62E5AC2>. Acessado em: 5 de junho 2013.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Essa declaração de Rodolfo e outras falas podem ser vistas neste link na página oficial do cantor no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=iFaQ1orl2vg>. Acessado em 7 de junho 2013.

com o repertório de onde retiram o material identitário a ser utilizado em suas identificações e, simultaneamente, precisam estar harmonizados com as crenças e os padrões de moralidade próprios ao cristianismo evangélico que professa crenças e padrões que muitas vezes são completamente antagônicos aos daqueles a quem imitam.⁹¹

A constatação é válida, mas não concordo completamente com o argumento. É certo que apesar de haver uma apropriação da estética do rock, o fazer do rock no meio evangélico não é só uma questão estética, mas semântica também. Da mesma forma, o rock não se resume à sonoridade, seu conteúdo também é importante na transmissão de sua mensagem. Mas quem disse que existem padrões semânticos imutáveis que informam o que é o rock? O rock evangélico tem buscado uma maneira própria de se manifestar que, com o tempo, encontra sua estética própria.⁹² Sabemos que o rock tem uma história, mas isso não permite que seja criado sobre ele uma espécie de fetiche, como se seu universo fosse ligado exclusivamente ao jargão *sexo, drogas e rock n' roll*. Sempre haverá possibilidades de apropriações que respondem às necessidades do grupo que dele se apropria. Como dito por Nikolaus Harnoncourt: *a autenticidade sonora pode constituir, para muitas obras uma ajuda fundamental, mas em outros casos, justamente por causa de seu caráter espetacular, pode cair num absurdo fetichismo do som.*⁹³

Lembremos que um dos nascedouros do rock foi a tradição da música negra norte americana, advinda em grande parte das igrejas protestantes do país e um dos grandes artistas que fizeram sucesso com o gênero foi o cantor Elvis Presley, que iniciou sua carreira musical na igreja.⁹⁴ O jargão *Sexo, drogas e rock n' roll* também é uma construção edificada ao longo dos anos em resposta à trajetória de roqueiros que abusaram do álcool e das drogas e da próprio momento histórico em que o rock foi concebido, fazendo parte da contracultura nos anos 1960, por exemplo.⁹⁵

Mesmo Rodolfo criticando o rock secular, ele tem buscado romper as barreiras entre a música secular e a sacra. Depois de ter gravado um disco ao vivo, em 2010, mesclando canções dos dois primeiros discos, em 2012 lançou seu terceiro disco, com canções inéditas, intitulado *R.A.B.T - Rompendo a barreira do templo*. O disco foi gravado de forma

⁹¹ JUNGBLUT, Airton Luiz. *Op. Cit.* p. 147.

⁹² Essa reflexão encontra respaldo, por exemplo, em: HARNONCOURT, Nikolaus. *O discurso dos sons*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1998, p. 23.

⁹³ Idem, p. 89.

⁹⁴ CHACON, Paulo. *O que é rock*. Brasiliense: São Paulo, 1989, p. 12.

⁹⁵ CARVALHO, César. *Contracultura, drogas e mídia. Anais do XXV Congresso brasileiro de ciências da comunicação*. Salvador-BA, setembro 2002, p.11.

independente e com a produção de Ricardo Vidal,⁹⁶ e não mais ligado à *Bola Music*, gravadora da *Bola de Neve*, como no caso dos CDs anteriores. Isso ocorreu paralelamente à sua mudança de igreja: depois de alguns anos congregando na *Bola de Neve*, ele foi para a MEVAM – *Missões Evangelísticas Vinde Amados Meus*.⁹⁷

Além de Rodolfo nos vocais e na guitarra, a banda é composta por Anderson Kuehne na bateria, Victor Pradella na guitarra e Thiago Tonini no contrabaixo.⁹⁸ E como diz o próprio título, a proposta da banda é sair das cercas do templo e anunciar o Evangelho fora dos muros denominacionais, e isso não só no discurso, mas na sonoridade que é bem diferente dos dois primeiros trabalhos. Na música *Nível raso* Rodolfo parece resumir o motivo de romper a barreira do templo – levar o Evangelho para os que não conhecem:

Envolto em algas e águas amargas / Senti na pele a dor das almas não alcançadas / Por mim esquecidas / Fariam de mim um homicida / E a vida que eu quis tanto preservar / Lhes traria vida / Eu não posso me conformar com esse nível raso / O meu poder humano não tem poder pra trazer o teu reino aqui / Minha porção vem do céu / Eu tenho fome de Ti, Senhor.

O intento de Rodolfo em romper a barreira do templo deu alguns frutos de imediato. Em 2012 Rodolfo fez uma participação no disco *Nova Aurora* de uma banda de *hardcore* de São Paulo, que não é cristã, chamada *Strike*.⁹⁹ E não é uma surpresa essa integração, pois mesmo com a saída do *Raimundos*, o músico sempre foi bem recebido pelas mídias e artistas não cristãos. No mesmo ano foi convidado a participar do Programa *Altas Horas*, da *Rede Globo*, apresentado por Serginho Groisman, de uma gravação de um programa de verão da *MTV Brasil* e do programa *Rock Estrada* do canal *Multishow*. Essas trocas entre o meio cristão evangélico e o secular mostram que na música há possibilidades de romper barreiras ideológicas e essa interação edifica ainda mais a identidade do *underground* evangélico no Brasil.

A música e a postura de Rodolfo mostram o que a cena *underground* do rock evangélico tem para oferecer. Imbricado ao universo das igrejas e da abertura e do acolhimento dos jovens, estes por esta vez se apropriam da estética e do discurso descolado do rock para se afirmarem como grupo. Uma geração que edifica sua fé através da música em sua plena manifestação, geração que Rodolfo orgulha-se de ser uma voz: “Eu fico muito feliz

⁹⁶ Ricardo Vidal é um produtor catarinense, conhecido no meio secular. Já produziu discos artistas como *O Rappa*, e *Wanessa Camargo*. Reside em Balneário Camboriú, mesma cidade em que Rodolfo mora.

⁹⁷ A MEVAM assim como a *Bola de Neve* é uma igreja neopentecostal com grande apelo junto à juventude. Página oficial: <http://www.mevam.org.br/>. Acessado em 7 de junho 2013.

⁹⁸ Site oficial da banda: www.rabt.com.br. Acessado em 13 de maio de 2013.

⁹⁹ A canção pode ser ouvida neste link disponibilizado oficialmente pela banda *Strike*: https://www.youtube.com/watch?v=BtSgG_m_hjc&list=SPF949CBC7F9AFC0EA&index=6. Acessado em 7 de junho 2013.

de ouvir aquela voz que um dia tava cantando palavrão, cantando a respeito de drogas, hoje poder ser a mesma voz cantando a respeito da glória de Deus.”¹⁰⁰

¹⁰⁰ Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Vssb7Q2sh4>; Acessado em: 7 de junho 2013.

Capítulo 3. Os novos caminhos do *underground* cristão

O rock evangélico pós anos 2000 filia-se à tradição do movimento dos anos 1970, representado por bandas como *Êxodos*, *Resgate*, *Oficina G3*, entre outras, de que tratamos no primeiro capítulo: a linguagem inovadora, a luta contra os estereótipos e o preconceito voltado ao rock nas igrejas evangélicas e a divulgação de sua produção através dos festivais de rock gospel nos anos 1990.

Algumas bandas daquela primeira cena ainda continuam produzindo discos e conquistando seu espaço na indústria fonográfica; esta, por sua vez, embora passe por uma grande crise, devido à distribuição de músicas por meio da internet, tem investido bastante nos artistas evangélicos, inclusive no rock. Essa fórmula de sucesso é produto da própria natureza do público, bastante fiel a seus ídolos, e para quem comprar um cd pirata e fazer downloads das músicas pela internet, além de ser crime, é pecado.¹⁰¹

Algumas bandas pioneiras do rock evangélico continuam produzindo música atualmente. A banda *Resgate* (SP), com mais de 20 anos de carreira, tem 12 discos lançados, sendo que os três últimos discos foram gravados e distribuídos pela *Sony Music* (*Ainda não é o último*, 2010, *Pretérito imperfeito mais que perfeito*, 2011, e *Deste lado para cima*, 2012) e continuam ano após ano trabalhando e fazendo rock n' roll. A curiosidade é que todos os integrantes da banda, hoje mais maduros, são pastores.¹⁰²

As bandas *Fruto Sagrado* (RJ) e *Katsbarnea* (SP), que participaram dos festivais de rock na mesma época do *Resgate*, com a entrada de novos músicos e a permanência de fundadores, continua na ativa. O *Fruto Sagrado* apostou na renovação e na comunicação ampla através da internet, lançado músicas na rede por meio de episódios e temporadas, como se fosse uma série, cultivando antigos e recentes fãs.¹⁰³ A *Katsbarnea* continua lançando músicas também apostando na internet, mas sem esquecer os primórdios do rock gospel. Em seu site diz-se que a “Katsbarnea fez história na musica gospel brasileira e ainda tem muito mais para escrever com seu bom Rock'n Roll.”¹⁰⁴

A banda *Catedral* (RJ), que também participou do nascimento do rock gospel no Brasil, ao longo da sua existência rearranjou seu papel no cenário evangélico e sua atuação como banda mudou a partir de 1999. Anteriormente, o grupo tinha o discurso de ser uma banda de

¹⁰¹ BREHEM, Úrsula Gabriela. Consumo e evangelho no subgênero do rock gospel. In: ENDLER, Sérgio Francisco; BRITTOS, Valério Cruz. (Org.). *Comunicação, consumo e identidade no Brasil*. UNISINOS: São Leopoldo, 2010, p. 61-67.

¹⁰² Informações disponíveis no site da banda: www.bandaresgate.com.br, acessado em 9 de junho 2013.

¹⁰³ Informações em: http://www.fritosagrado.com.br/fr_episodiofinal.cfm, acessado em 9 de junho 2013.

¹⁰⁴ Site oficial da banda: <http://www.katsbarnea.com.br/>, acessado em 9 de junho 2013.

rock evangélico, mas em 1999 com o disco *Para todo mundo* ampliaram seu espaço para, segundo eles, *levar sua música, sua ideologia, seu conteúdo e seu talento para todas as pessoas, sem preconceitos, regras, rótulos e etc.*¹⁰⁵

A banda *Oficina G3* (SP) foi e continua sendo uma das grandes bandas de rock gospel do Brasil, e talvez, a mais conhecida pelo público evangélico, junto com a banda *Catedral*. A banda passou por várias fases: nos anos 1980, com Luciano Manga nos vocais participando da efervescência dos festivais de rock; já dos anos 1990 em diante com PG à frente, a sonoridade foi suavizada pra um *pop rock*, fase em que ganhou vários prêmios e foi bastante divulgada; em 2008 com a saída de PG e a entrada de Mauro Henrique, novamente mudou a sonoridade do grupo, partindo para o *metal*. O único integrante oriundo da formação original que ainda permanece na banda é o guitarrista Juninho Afram.¹⁰⁶ Mesmo passando por várias mudanças na sua formação e flertando com vários estilos dentro do rock, a banda continua fazendo sucesso, investindo na internet e na vendagem de músicas digitais. É carro-chefe do rock evangélico na indústria fonográfica, sucesso de vendas.¹⁰⁷

Outras bandas da cena que podem ser citadas são *Metal Nobre*¹⁰⁸, *Filhos do homem*¹⁰⁹ e *Militantes*¹¹⁰. Inúmeras bandas, mais ou menos conhecidas, fazem rock n' roll pelo Brasil, tocando em suas igrejas, entre amigos, em suas regiões, nos acampamento de jovens, etc., e com a ajuda da internet, sobretudo das redes sociais, conseguem divulgar seu som.¹¹¹

Paralelo a essa visão majoritária da música no meio evangélico, um novo movimento tem dado um tom diferente ao rock e a outros estilos musicais produzidos nessa cena. Como vimos no segundo capítulo, o cantor Rodolfo Abrantes se coloca na contramão da música gospel, com o intuito de produzir música cujo fim é atingir o maior número de pessoas, as quais, independente de crença e de religião, apreciem sua música, rompendo as barreiras do templo e sendo, dessa forma, um dos artistas que fazem parte deste novo caminho.

¹⁰⁵ Informações disponíveis no site oficial: <http://bandacatedral.com.br/>, acessado em 10 de junho 2013.

¹⁰⁶ Juninho Afram já foi considerado um dos melhores guitarristas do Brasil, título dado pela Revista *Cover Guitarra*, edição nº 105, em 2003. Infelizmente não é possível disponibilizar o link, pois a Revista não está mais em circulação e não mantém site oficial.

¹⁰⁷ Informações disponíveis no site oficial: <http://www.oficinag3.com.br/>, acessado em 10 de junho 2013.

¹⁰⁸ *Metal Nobre* é uma banda de *metal* cristão, voltada para o evangelismo de jovens roqueiros pelo Brasil. Foi fundada em 1977, em Brasília. Cf: <http://metalnobre.com.br/>, acessado em 11 de junho 2013.

¹⁰⁹ *Filhos do homem* é uma banda de rock de Pato Branco-PR, na ativa desde 1996. Mesmo sendo independente já gravou sete discos. Mais informações em seu site oficial: <http://www.filhosdohomem.com.br/>, acessado em 11 de junho 2013.

¹¹⁰ *Militantes* é uma banda evangélica de *punk rock*, de São Paulo, estão na estrada desde 2002 e já gravaram 4 álbuns. Mais informações na página da banda em uma rede social: <http://www.facebook.com/BandaMilitantesOficial?fref=ts>, acessado em 11 de junho 2013.

¹¹¹ Bandas brasilienses com bom alcance na cena roqueira são: *Apenas somos*, *Salz*, *Band*, *Disco Praise*, *Jovens da Capital*.

Essa linha que diferencia os dois estilos parece ser sutil. Então qual a diferença entre a música rotulada como gospel e a música sem rótulos feita igualmente por evangélicos? A primeira coloca-se no mercado fonográfico por meio de bandas com um público definido – os evangélicos –, já a segunda preocupa-se em fazer música que dispensa o rótulo do gospel e deseja atingir o público de forma abrangente, seja ele quem for. Várias bandas de rock e de outros estilos musicais que tem integrantes cristãos/evangélicos têm tomado essa posição diante do panorama atual da música.¹¹²

Esses artistas direta ou indiretamente sofrem influência da literatura sobre a arte cristã reformada, que conclama os artistas cristãos a ultrapassarem as fronteiras de sua fé e fazerem arte para todos, e não somente para cristãos. Dois dos maiores pensadores dessa perspectiva são o holandês Hans Rookmaaker e o norte-americano Francis Schaeffer, ambos cristãos e escritores do século XX.¹¹³

Segundo Amorim, Hans Rookmaaker foi o fundador do Departamento de História da Arte da Universidade Livre de Amsterdã e lecionou em várias universidades do mundo. Dedicou-se ao estudo de Teoria e História da Arte, Filosofia e Música pensando, sobretudo, a arte feita por cristãos evangélicos e de que forma estes poderiam glorificar a Deus através das suas obras artísticas de uma forma não explícita, ou somente como propaganda da fé.¹¹⁴ Em seu livro *A arte não precisa de justificativa*, Rookmaaker expõe sua visão de arte:

O que deve ser enfatizado é que a arte deve ser humana, real. O elemento cristão nunca vem simplesmente como um anexo. Nós não somos humanos dotados de um complemento chamado cristianismo. Não, nossa humanidade reage ao mundo inteiro e à Palavra de Deus de uma maneira específica em relação nossa personalidade.¹¹⁵

Rookmaaker critica o fato de os cristãos da Idade Moderna, em meio ao renascimento das artes e ao advento do Humanismo e do Iluminismo, terem se restringido a uma vida devocional, em que as atividades artísticas e musicais foram reduzidas ao espaço sacro e litúrgico das igrejas e, conseqüentemente, não terem participado da movimentação das artes e

¹¹² Esse novo grupo de músicos que tenta recriar a transmissão da fé e critica o cenário atual da música gospel no Brasil foi objeto de reportagem de capa da revista *Época*. Vejamos um trecho da matéria: “O raciocínio antissectário se espalhou para a música. Nomes como Palavrantiga, Crombie, Tanlan, Eduardo Mano, Hélio Sodré e Lucas Souza se definem apenas como “música feita por cristãos”, não mais como “gospel”. Eles rompem os limites entre os mercados evangélico e pop.” Vide em: Ricardo Alexandre. *A nova reforma protestante*. Revista *Época*: São Paulo, em 14 de agosto de 2010.

¹¹³ Os dois autores foram amigos próximos, trocavam ideias, se identificavam e tinham um pensamento parecido sobre arte. Mais detalhes desse encontro e da obra dos dois podem ser visto em: <http://ultimato.com.br/sites/labarte/2011/05/21/hans-rookmaaker-e-francis-schaeffer/>, acessado em 14 de junho 2013.

¹¹⁴ AMORIM, Rodolfo. O senhorio de Cristo e a redenção das artes: Um olhar sobre a vida, obra e pensamento de Hans Rookmaaker. In: RAMOS, Leonardo; CAMARGO, Marcel; AMORIM, Rodolfo (Org.). *Fé Cristã e cultura contemporânea*. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 103.

¹¹⁵ ROOKMAAKER, Hans. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 40.

das ideias, juntamente com seus contemporâneos.¹¹⁶ Por isso conclama os artistas cristãos a interagirem com seus contemporâneos, a fim de compreenderem a linguagem deles:

Com muita frequência criamos barreiras para a comunicação do Evangelho, porque pregamos que nos importamos com as pessoas e que este mundo é de Deus, mas não agimos por estes princípios. [...] Porém, primariamente, estamos buscando artistas que trabalhem dentro da sociedade e que, dessa forma, tenham sua participação em tornar a vida vivível, rica no sentido espiritual, profunda e estimulante. [...] Temos que participar da vida agora.¹¹⁷

O teólogo Francis Schaeffer também escreveu sobre o lugar da arte cristã, sobretudo, a música. Para ele, a fé em Cristo deveria fazer efeito em todas as áreas da vida, inclusive na arte, e os cristãos evangélicos deveriam se preocupar com a produção artística em seu meio. Neste sentido, estes deveriam usar a arte para glorificar a Deus através do belo, e não somente como uma ferramenta de propaganda do Evangelho. Em suas palavras: *A arte cristã é a expressão da vida integral da pessoa toda que é cristã. Aquilo que o artista retrata em sua arte é a totalidade da vida; A arte não deve ser apenas um veículo para um tipo de evangelismo autoconsciente.*¹¹⁸

Este entendimento sobre arte é divulgado em vários meios, a começar pela literatura, como também em páginas de *blogs*, onde se discute o papel e a contribuição do artista evangélico para a arte. Várias páginas como a *Ultimato*, *Ipródigo*, *Cristianismo Criativo*, *Cante as Escrituras*, apresentam em textos e artigos a visão reformada da arte e da própria prática cristã, assim como em entrevistas com teólogos, pastores e artistas que compartilham dessa visão.¹¹⁹

Esses grupos têm em comum o desejo de se diferenciar da música gospel, que dizem ser um rótulo gasto pelo mercado fonográfico. No site *Cante as Escrituras*, os idealizadores lançaram um manifesto em que se colocam contrários ao mundo da música gospel, o qual, segundo eles, é vazio de teologia e da verdade das Escrituras Sagradas. Na própria descrição do grupo, seus integrantes expõem como querem se colocar no meio musical e artístico:

O Cante as Escrituras é um movimento composto por cristãos de diversas denominações do Brasil que protestam contra a falta de conteúdo bíblico da música evangélica brasileira.¹²⁰ Olhe para a música gospel brasileira e responda: O que você vê? Não sabemos qual será a tua resposta, mas gostaríamos de expor a nossa. As músicas atuais são vazias de teologia.

¹¹⁶ Idem, p.10.

¹¹⁷ Idem, p. 25, 33, 34.

¹¹⁸ SCHAEFFER, Francis A. *A arte e a Bíblia*. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 74.

¹¹⁹ Alguns desses textos podem ser acessados em: <http://www.ultimato.com.br/conteudo/em-busca-de-raizes/m%FAsica+cris%E3>. Acessado em 17 de junho 2013. Este site tem publicações regulares sobre teologia, além de uma publicação mensal de uma revista. O texto do link foi escrito por Marcos Almeida, vocalista do *Palavrantiga*, onde fala das raízes da música cristã e da brasilidade procurada nela.

¹²⁰ Aqui está a descrição do grupo de quem são e como querem atuar como músicos cristãos: <http://canteasescrituras.com/quem-somos/>. Acessado em 16 de junho 2013.

Hoje, o que mais vemos são músicas carregadas de humanismo, autoajuda, triunfalismo, emocionalismo vazio e tantas outras mazelas.¹²¹

Na música evangélica, e mais especificamente no rock, essas ideias têm influenciado os artistas da cena a tomarem um novo rumo, um novo caminho. Diversas bandas têm produzido música que seja acessível a todos os públicos, e mesmo sendo cristãos evangélicos, dispensam o rótulo do gospel, embora em suas composições se perceba o extrato da filosofia cristã e temas relacionados à fé, como a beleza da criação divina, a esperança de dias melhores, o amor ao próximo.¹²²

Este novo modo de fazer música tem sido chamado por uns de *Hope Rock*, por outros de *Novo Movimento*, porém não se trata de um movimento que tenha nome oficial e talvez nem seja essa a pretensão das bandas da cena. Mas em comum, há o desejo de se cantar uma música que fale de esperança, produzindo arte a partir de uma perspectiva cristã, mas deixando de lado o proselitismo religioso.¹²³ Embora não haja uma nomenclatura para o movimento, as bandas que integram esse cenário têm em comum o entendimento de que estão construindo uma nova fase da música evangélica brasileira.¹²⁴ Diversas bandas têm buscado esse caminho, como o *Palavrantiga*, o *Crombie*, a *Tanlan* – que iremos tratar mais a fundo –, como também as bandas *Aeroilis*¹²⁵, *Velho Irlandês*¹²⁶, *Alforria*¹²⁷, *Hibernia*¹²⁸, *Hélvio Sodré*¹²⁹, *Lorena Chaves*¹³⁰, entre outros.¹³¹

¹²¹ O Manifesto do grupo está em disponível em: <http://canteasescrituras.com/o-manifesto/>. Acessado 16 de junho 2013.

¹²² Idem.

¹²³ Sobre o *Novo Movimento* ou *Hope Rock*, há uma matéria no blog *Diversitá* do jornalista Ricardo Oliveira, que discute bastante a perspectiva desse movimento. Disponível em: <http://diversita.blog.br/blog/2010/05/01/musica-que-historia-e-essa-de-hope-rock/>, acessado em 16 de junho de 2013.

¹²⁴ Essa constatação foi alcançada através dos depoimentos com os integrantes das bandas pesquisadas.

¹²⁵ O *Aeroilis* é uma banda de rock alternativo de Florianópolis - SC, que foi uma das primeiras a fazer parte desse novo movimento. Informações sobre a banda podem ser encontradas em página da banda em uma rede social: <http://www.facebook.com/bandaaeroilis>, acessado em 14 de junho 2013.

¹²⁶ *Velho Irlandês* é uma banda carioca que produz música de forma independente. Mais informações sobre a banda: <http://velhoirlandes.wordpress.com/>, acessado em 16 de junho 2013.

¹²⁷ A banda *Alforria* criada em meados de 2010 no estado do Espírito Santo, afirma ter compromisso de “produzir rock de qualidade”. Mais informações no site oficial: <http://www.alforria.net/>, acessado em 16 de junho 2013.

¹²⁸ *Hibernia* é uma banda de Sergipe que mistura “brit pop com o melhor da MPB”. Informações disponíveis em página da banda: <http://www.facebook.com/hiberniamusic>, acessado em 15 de junho 2013.

¹²⁹ Hélvio Sodré é um cantor brasileiro de pop rock que já gravou dois discos, o primeiro chamado *Por aí* e o segundo *Polo*. Mais informações: <http://www.helviosodre.com/>, acessado em 15 de junho 2013.

¹³⁰ Lorena Chaves é uma cantora mineira, que participou do Programa *Ídolos* em 2008, ficando em sexto lugar. Após sua conversão ao protestantismo, sua carreira tomou outro rumo. Apesar de fazer música sem rótulos religiosos, não nega que sua conversão mudou bastante sua forma de compor. Mais informações: <http://lorenachaves.com/>, acessado em 17 de junho 2013.

¹³¹ Outras bandas, que já encerraram suas atividades, mas que merecem ser citadas são: a *Grato!* de Goiânia-GO e a *Plug Luminário* de Contagem-MG. Ainda é possível ouvir músicas das bandas na internet por meio desses links: <https://myspace.com/gratobanda> e <https://myspace.com/plugluminario>. Acessado em 15 de junho 2013.

A banda de rock *Palavrantiga*, de integrantes capixabas e mineiros, que dividem suas atividades entre as cidades de Vitória-ES e Belo Horizonte-MG, tem demonstrado em suas letras e textos que é este o caminho musical que querem trilhar. O vocalista da banda, Marcos Almeida, alimenta um *blog* chamado *Nossa Brasilidade*,¹³² onde expõe textos de sua autoria sobre diversos temas relacionados à arte e à música do *Palavrantiga*.¹³³

Marcos Almeida utiliza o *blog* para expor sua cosmovisão diante da música, problematizando sobre as barreiras que se colocam quando se fala em rótulos para a música, e criticando a ideia de que somente a música *gospel* é sagrada e a música *secular* é profana e indigna. Em um de seus inúmeros textos que problematizam esta questão, ele afirma:

Por isso parei de pensar com essas categorias (gospel, secular ou adoração com raízes brasileiras) para enfim pagar o preço de ser livre. Mas tem sido prazeroso! Uma aventura na velocidade do vento que Ele mesmo sopra. Estou falando de uma música brasileira de raízes cristãs. Isso é diferente de uma música cristã de raízes brasileiras. Estou falando de uma música de rua, de rádio, de boteco, de palco, de teatro, uma música de cinema e novela, música do povo, feita por ele, por isso brasileira. Uma arte tecida na Esperança.¹³⁴

O *Palavrantiga* se coloca como uma *banda de rock nacional*, sem o acessório das palavras *gospel*, evangélico ou cristão. Isso não significa que não cantem a respeito de Deus ou das doutrinas bíblicas. Porém, fazem isso de forma poética, com uma linguagem acessível para todos. Também não significa que não se apresentem em igrejas e eventos cristãos, pelo contrário, mas que estão prontos a tocarem em bares, *pubs*, festivais, universidades, como de forma efetiva tem acontecido com a banda.¹³⁵

Embora essa discussão esteja viva na música cristã, ainda é algo difícil de ser entendido pelo grande público. Marcos Almeida conta em seu *blog* que o *Palavrantiga* ao fazer uma apresentação em um evento de esportes radicais na cidade de Palmas, no Tocantins, foi anunciado pelo apresentador do evento da seguinte forma: *Essa noite, no nosso congresso quem vai fazer o show é Palavrantiga, uma banda secular que toca no gospel!* Marcos conta que não conseguiu segurar o riso ao ouvir tal declaração, mas que entende que essa foi a forma encontrada por aquele apresentador de compreender o trabalho do *Palavrantiga*. Sobre isso, Marcos comentou:

Meu amigo estava quase certo, mas sinto informar que não somos uma banda secular (não trabalhamos com essa cosmovisão); ainda falta vocabulário para transpor essas dificuldades

¹³² Blog de Marcos Almeida: <http://nossabrasilidade.com.br/>. Acessado em 16 de junho 2013.

¹³³ Site oficial da banda, com disponibilização da biografia, da discografia, agenda de show, e outras informações: <http://nossabrasilidade.com.br/>. Acessado em 16 de junho 2013.

¹³⁴ Texto na íntegra disponível em: <http://nossabrasilidade.com.br/musica-de-raiz/>. Acessado em 17 de junho 2013.

¹³⁵ A visão banda pode ser vista em vários artigos do *blog* de Marcos Almeida, como aqui: <http://nossabrasilidade.com.br/saltando-obstaculos-e-desabotoando-trilhas/>. Acessado em 15 de junho 2013.

dialéticas, mas talvez ele tenha sido o que mais chegou perto. Somos uma banda brasileira de rock que toca na Igreja, que toca no bar, que toca na FNAC, que toca em casa.¹³⁶

Em depoimento prestado por e-mail, o baterista do *Palavrantiga*, Lucas Fonseca, que é formado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), contou que a banda nasceu de uma experiência eclesial, quando eram músicos de apoio numa igreja, e que fizeram parte da banda de uma cantora evangélica chamada Heloísa Rosa. Mas Lucas afirma que com o passar do tempo, a banda despertou o interesse de tocar em outros lugares e de atingir um público maior. Disse que a frase *o som do Palavrantiga é para todos, inclusive para evangélicos* é frequentemente mencionada como resposta aos questionamentos sobre essa visão da banda. E ele acrescenta:

Nossa agenda é voltada grande parte para eventos cristãos, mas existem algumas conquistas da banda em espaços chamados de "seculares" como, por exemplo, recentemente entramos na programação da rádio cidade 97.7 FM, rádio de maior audiência na grande Vitória/ES e que não é gospel. Nessa nova fase da banda há uma prioridade em transitar ainda mais nesses espaços. Isso tem sido uma das nossas bandeiras, conseguir essa chancela, somos brasileiros e fazemos um rock tecido na esperança. Casas de shows e teatros são hoje uma realidade das nossas apresentações.¹³⁷

Com cinco anos de estrada, o *Palavrantiga* tem três trabalhos lançados. O EP¹³⁸ de 2008, *Palavrantiga Volume 1*, é fruto das primeiras composições da banda e, segundo Lucas, foi lançado com muita dificuldade, com produção e distribuição independentes. Em 2010 lançaram o primeiro disco completo chamado *Esperar é Caminhar*, com quatro canções do EP somadas a nove músicas inéditas, trabalho também produzido de forma independente. Como meio de divulgação tiveram a internet e a própria turnê do cd, o que permitiu que a banda fosse conhecida por muitas pessoas.¹³⁹

Durante a turnê de divulgação do disco, a banda teve oportunidade de tocar em muitas igrejas pelo Brasil, mas também em outros ambientes, como em festivais de música independente, em livrarias e na Universidade Federal de Minas Gerais. A maior divulgação da banda despertou o interesse do mercado fonográfico, como tem acontecido ultimamente com algumas grandes gravadoras brasileiras. Assim, em julho de 2012, o *Palavrantiga* assinou contrato com a gravadora *Som Livre*, e em dezembro lançou o segundo disco completo, *Sobre o mesmo chão*. Sobre essa opção da banda por uma gravadora maior, Lucas explica:

A prateleira gospel tem sido uma alternativa. Ficamos quatro anos independentes e com muita dificuldade em fazer com que nossos CDs chegassem as pessoas (a gente sempre se

¹³⁶ Texto completo neste link: <http://nossabrazilidade.com.br/palavrantiga-uma-banda-secular-que-toca-no-gospel/>. Acessado em: 17 de junho 2013.

¹³⁷ Lucas Fonseca Pinto. Depoimento concedido à pesquisadora, em 12 de junho 2013, por email.

¹³⁸ EP (Extended play) é um disco composto de duas a oito músicas.

¹³⁹ Estas e outras informações sobre a biografia da banda estão disponíveis no site oficial: <http://palavrantiga.com/>. Acessado em 8 de junho 2013.

enrolou com isso, não sabemos vender cd). Tentamos redes de distribuição menores, mas por fim foi desastroso. Surgiu então uma proposta bem pé no chão em que ao mesmo tempo que nos dava liberdade artística em gravar o que quiser e com quem quiser, facilitou com que nossa música chagasse a todos.¹⁴⁰

Outro grupo que tem essa visão de música é a banda *Crombie*, formada na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, em 2006. Com dois discos gravados e distribuídos de forma independente, o primeiro de 2008, chamado *Por enquanto*, e o segundo lançado em 2011, *Casa amarela*, o *Crombie* não faz somente rock, mas flerta com outras sonoridades. Na página oficial em uma rede social dizem que seu som é *indie, reggae, pop, mpb e um rock n' roll às vezes!*?¹⁴¹ A banda tem influência tanto de artistas seculares como *Gilberto Gil* e *Los Hermanos*, como também de músicos cristãos que se preocupam em fazer seu trabalho de forma livre e sem rótulos religiosos. Os pioneiros dessa visão fora da cena do rock são artistas como *João Alexandre*, *Jorge Camargo*, *Zazo e Céu na Boca*, *Carlinhos Veiga*, *Josimar Bianchi*, *Stênio Marcius* e *Gladir Cabral*. Além de outros mais recentes como *Aline Pignaton*, *Matizes*, *Carol Gualberto*, *Erlon Lemos*, *Baixo e Voz*, e muitos outros.¹⁴²

É importante considerar que a partir dos anos 2000 uma nova leva de bandas de rock alternativo começou a surgir através da divulgação na internet, distribuindo sua música de forma gratuita e produzindo seus discos de forma independente. Aos poucos o *indie rock* ganhou a mídia e a internet, e alguns chegaram até as grandes gravadoras. Algumas bandas desse cenário são *Cachorro Grande (RS)*, *Mombojó (PE)*, *Los Hermanos (RJ)*, *Vanguart (MT)* e muitas outras que conseguiram um bom espaço para sua música.¹⁴³

Essas bandas trouxeram uma nova sonoridade ao rock brasileiro, admitindo a inserção de elementos musicais genuinamente brasileiros, como o samba, o frevo, a bossa nova e a MPB.¹⁴⁴ Uma das bandas que tem um alcance considerável para este cenário, sobretudo para as bandas *Palavrantiga* e *Crombie*, é a banda *Los Hermanos*, que faz parte do repertório escutado pelos músicos de ambas. No ano de 2010, em um festival de música cristã chamado *Som do Céu*, realizado em São Sebastião das Águas Claras/MG, organizado pela MPC Brasil,

¹⁴⁰ Lucas Fonseca Pinto. Depoimento concedido à pesquisadora, em 12 de junho 2013, por email.

¹⁴¹ A banda resolveu não ter um site oficial isolado, e apostou mais em páginas oficiais em redes sócias como o Facebook, o Twitter, o Youtube. A informação sobre o som da banda está disponível em: <http://www.facebook.com/bandacrombie/info>. Acessado em 16 de junho 2013.

¹⁴² Para maiores informações sobre estes artistas, ver: <http://mpbsanto.blogspot.com.br/>, acessado em 18 de junho 2013.

¹⁴³ FRAGA, Danilo. O beat e o bit do rock brasileiro: internet, indústria fonográfica e a formação de um circuito médio para o rock no Brasil. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação* - COMPOS, Salvador, agosto 2007, p. 15.

¹⁴⁴ Idem, p.3.

¹⁴⁵ o *Palavrantiga* e o *Crombie* tocaram juntos a música *O vencedor*, faixa número 2 do terceiro disco dos *Los Hermanos*, chamado *Ventura*.¹⁴⁶

Já em outro momento, o *Crombie* dialoga com a banda *Los Hermanos* e realiza uma operação de troca simbólica entre músicas das bandas. No trecho final da música dos *Los Hermanos* *Cadê teu suin?*, o autor, Marcelo Camelo, questiona: *Guilhotina? / Eu que controlo o meu guidom! / Com ou sem suin / Com ou sem suin*.¹⁴⁷ Por sua vez, o *Crombie* responde a esta inquietação na música chamada *Guidom*: *Eu não pedalo sozinho não / Quem foi que disse que eu controlo meu guidom? / Quem me guia é quem me fez / E eu vivo um dia de cada vez*.¹⁴⁸ É uma troca em que o eu lírico da música *Guidom*, não concorda com a forma com que o eu lírico de *Cadê teu suin?*, dirige o seu guidom, andando segundo sua vontade; e afirma que há quem o controle, alguém ou algo maior que a sua própria força. Em *Guidom*, é afirmada a contraposição de ideias, forjando assim a mensagem da banda através do contraste, da diferença.

As trocas simbólicas que as bandas do *Novo Movimento* têm feito com bandas seculares são importantes, pois reafirmam a vontade de romper as barreiras entre ambos. Assim como acontece na música do Rodolfo Abrantes, essas bandas se apropriam da linguagem musical, da sonoridade, mas nas letras expõem sua visão de mundo se contrapondo àquilo que não é saudável segundo seus valores. Ainda assim, é pela remissão ao que se faz fora do ambiente evangélico que esse discurso é construído, o que faz com que essa música ecoe por outros ambientes. Felipe Vellozo, baixista, um dos compositores da banda *Crombie* e estudante de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse, através de depoimento prestado pelo correio eletrônico oficial da banda:

Queremos fazer música sincera, sem o rótulo do gospel que a gente vendia na década passada. Isso no contexto brasileiro. Fazer música pra qualquer um. Alastrar algo sem barreiras. Que não seja alvo de preconceito por causa de um rótulo [gospel] "gasto" pelo mercado. Tocamos muito em igrejas. Achamos uma experiência única! Pelo trato com as pessoas, das mais variadas que você pode imaginar, nos lugares mais inimagináveis - sem mistério, só acaso mesmo. É uma baita experiência. Mas hoje preferimos parar de tocar e começar a incentivar as igrejas a saírem dos templos. Alugar um teatro da cidade, conseguir, junto à prefeitura que seja, um palco em uma praça. Acho que é uma necessidade de "secularizar" a cultura cristã. Igreja fornecer cultura na rua - leia-se fora dos templos.¹⁴⁹

¹⁴⁵ A sigla MPC significa Mocidade para Cristo. Que é uma organização que está no Brasil há mais de 50 anos, com o intuito de promover a pregação do Evangelho da Bíblia, através de eventos em escolas, praças, hospitais, e também festivais de música como o Som do Céu, que é realizado há 28 anos. Mais informações sobre o festival na página oficial: <http://mpc.org.br/blog/somdoceu/>. Acessado em 16 de junho de 2013.

¹⁴⁶ A apresentação das bandas tocando a música *O vencedor* pode ser visto em: <http://www.youtube.com/watch?v=pYY6l-tg7Dg>. Acessado em 17 de junho 2013.

¹⁴⁷ "Cadê teu suin?". Marcelo Camelo. BLOCO DO EU SOZINHO. Los Hermanos. Rio de Janeiro: Sony Music, 2003, faixa 6.

¹⁴⁸ "Guidom". Paulo Nazareth. POR ENQUANTO. Crombie. Niterói, 2008, faixa 9.

¹⁴⁹ Felipe Vellozo. Depoimento concedido à pesquisadora, em 12 de junho 2013, por email.

A banda gaúcha *Tanlan* também tem trilhado esse novo caminho. Em seu site oficial contam que a banda surgiu no âmbito da Igreja, mas, desde o começo, com um grande questionamento: *Por que o cristianismo que os unia parecia tão desconexo do mundo em que viviam? Será que o cristianismo poderia não ter nada a dizer para o mundo real?* A solução para o grande dilema foi, nas palavras do vocalista Fábio Sampaio, *fazer música que pudesse ser relevante e comunicável tanto a gregos como a troianos.*¹⁵⁰

O objetivo da *Tanlan* é fazer música que seja interessante para todos. Segundo o vocalista Fábio, a banda é de rock, mas não carrega o rótulo de gospel, apesar de o Cristianismo ser para eles uma *lente pela qual enxergamos toda essa pintura que chamamos de vida*, influenciando assim na forma de escrever as canções. Fábio explicou porque a *Tanlan* não se denomina uma banda de rock gospel:

Não nos denominamos gospel, não porque rejeitamos o público ou o universo a que o rótulo pertence, mas porque entendemos que fazemos parte de um novo movimento dentro da produção artística cristã que busca derrubar muros e construir pontes que sejam relevantes dentro da cultura musical brasileira.¹⁵¹

Em 2005, a banda lançou seu primeiro EP de divulgação, com quatro músicas, e em 2008 foi produzido seu primeiro disco completo chamado *Tudo que eu queria*. Em 2012, lançaram o álbum *Um dia a mais*. Pela divulgação do trabalho através dos CDs e da internet, a banda conseguiu alcançar outros espaços além das igrejas. Tiveram a oportunidade de lançar seu primeiro trabalho no *Porão do Beco*, uma casa de shows de rock alternativo em Porto Alegre, e, no geral, tiveram uma repercussão importante na cena de rock da cidade. Sua música foi divulgada em vários estados do Brasil de forma independente, tocando em bares, festivais de rock, universidades e outros locais. O espaço que conquistaram além das fronteiras eclesiais representa para eles o êxito de sua proposta, *era a legitimação de um sonho, de uma ideia, que apesar de estar apenas engatinhando, mostrava-se sem dúvida que este era o caminho a seguir.*¹⁵²

O desejo destas bandas de trilhar um novo caminho musical é proporcionado pelo discurso, mas, sobretudo, pela forma de compor. Muitas músicas da *Tanlan*, do *Palavrantiga* e do *Crombie*, são muito líricas, e se percebe o uso de alegorias, sem que, contudo, utilizem termos clichê que poderiam ser relacionados à música gospel.¹⁵³ Vejamos algumas letras da *Tanlan* que abordam vários temas, e também como Fábio descreve-as:

¹⁵⁰ Essas reflexões estão dispostas no release da banda, em que contam sua história e suas ideias, no site oficial: www.tanlan.com.br, acessado em 19 de junho 2013.

¹⁵¹ Fábio Sampaio. Depoimento concedido à pesquisadora, em 11 de junho 2013, por email.

¹⁵² Informações disponíveis em: http://tanlan.com.br/v2/?page_id=5, acessado 17 de junho 2013.

¹⁵³ Esses termos são frequentemente usados nas músicas do cenário gospel brasileiro, do qual as bandas que partilham desse novo movimento buscam distanciar-se. Podemos dar exemplos como: “Tomar posse da vitória”, “Não há nada impossível para Deus”, “Deus não desistiu de mim”.

Então, falamos de insegurança, de medos, de angústias, de solidão. Mas também de reconciliação, de paz profunda, de perdão, de recomeços e acima de tudo, de esperança em dias melhores. Não escolhemos falar disso como temática. Essa maneira que temos de enxergarmos os fatos é o que nos leva a escrever assim. É muito natural pra nós. Difícil seria escrever de outra forma. Arte é assim.¹⁵⁴

Faz minha dor ir embora / Traz teu amor sem demora / E diz pra mim / Tudo o que eu preciso saber / Se você vem, me faz tão bem / Ter teu amor transformando o que sou / Me leva além do que se tem / Me faz viver muito mais do que se vê.¹⁵⁵

O amor mais louco do mundo / Diz sim quando devia dizer não / Que ao invés de fugir estende a mão / Este amor me faz novo de novo / A cada manhã / Onde se morre pra nascer.¹⁵⁶

A *Tanlan* tem feito parcerias com outras bandas da cena, tocando juntas em festivais e até produzindo músicas como no caso da canção *Vaidade*, parceria com Marcos Almeida, vocalista do *Palavrantiga*.¹⁵⁷ Como é característica do *Novo Movimento*, as ideias e sentimentos relacionados de alguma forma ao Cristianismo nem sempre aparecem nas músicas de forma explícita, como na letra de *Vaidade*, que trata sobre a insuficiência do homem diante de algumas situações da vida, como se pode perceber abaixo:

Sou a criança que chorou logo ao nascer / O velho homem que morreu sem perceber / Eu sou o pó que se levanta de manhã / e à noite se foi / Sou egoísta e tento te dizer que não / O meu cinismo só revela a omissão / De quem assiste a um desfile triste / Um clichê em vão / A vaidade das vaidades / um vazio sem fim / A busca da realidade é o que me trouxe aqui / Mas a vida ainda vale a pena.¹⁵⁸

Assim, os valores e a religiosidade ligados à prática da fé cristã desses músicos são percebidos de forma suave e metafórica nas letras das músicas. Vejamos algumas letras do *Palavrantiga* como ilustração:

Caminho / Seguro vou em tuas mãos / Caminho / prossigo para o alvo / Caminho sem medo / Medo / às vezes eu tenho / mas só num instante / Caminho perfeito és tu / Seguro vou em tuas mãos / Sei que tudo isso passará / Em Tua graça eu vou / Tens esperança em mim / Quem me sustenta é Tua palavra / Vou.¹⁵⁹

Vejo com apreço o teu andar / A imagem mais perfeita da verdade / Palavra viva / Vida que eu posso tocar / Me guia / Mas sou tentado a ir / Adiando este dia / Que é me lançar em Ti / E me ver completo em Teu amor / Deixa eu viver a Boa Nova / Deixa eu me encontrar com esse amor todos os dias.¹⁶⁰

Percebe-se que o autor refere-se a uma segunda pessoa, a quem não chama de Deus ou de Jesus, mas sim de *Caminho*, *de Boa Nova*, *de Alvo*. Desta forma faz alusão a textos

¹⁵⁴ Fábio Sampaio. Depoimento concedido à pesquisadora, em 11 de junho 2013, por email.

¹⁵⁵ “A música acabou”. Fábio Sampaio. UM DIA A MAIS. Tanlan. Porto Alegre: Sony Music, 2012, faixa 4.

¹⁵⁶ “Louco amor”. Fábio Sampaio. Idem, faixa 1.

¹⁵⁷ Informações disponíveis em: http://tanlan.com.br/v2/?page_id=5, acessado em 19 de junho 2013.

¹⁵⁸ “Vaidade”. Fábio Sampaio. Idem, faixa 12.

¹⁵⁹ “Seguro vou”. Marcos Almeida. ESPERAR É CAMINHAR. Palavrantiga. Belo Horizonte, 2010, faixa 4.

¹⁶⁰ “Boa nova”. Marcos Almeida. SOBRE O MESMO CHÃO. Palavrantiga. Belo Horizonte: Som Livre. 2012, faixa 7.

bíblicos e à figura do Criador de forma poética.¹⁶¹ Outras músicas da banda têm uma linguagem e uma temática diferenciada. A música *Rookmaaker* – que homenageia o autor holandês – faz referência à arte, abordando um paradoxo entre a fé do eu lírico e a descrença da segunda pessoa. Outras músicas como *Deus onde estás?* e *Sagrado* criticam a corrupção dentro do meio evangélico em que a fé se tornou um produto. Citamos trechos de três músicas sobre essas temáticas apresentadas:

Eu leio Rookmaaker / Você Jean-Paul Sartre / A cidade foi tomada pelos homens / Na cidade dos homens / tem gente que consegue ler / mas os outros estão néscios pra Ti / Eu fico com a escola de Rembrandt / Você no dadaísmo de Berlim / A cidade está cheia de tinta / Na cidade dos homens / tem gente que consegue ver / mas os outros estão cegos pra ti.¹⁶²

Deus, onde estás? / A Igreja arrancou o sino / O homem esqueceu o menino / Fez castelo de ouro e prata / E perdeu a vida / Deus, onde estás? / Eu passei por aquele palco / Vi um grande homem fardado / Que gritava ao povo: "Dinheiro" / Sem piedade.¹⁶³

É que o sagrado se tornou hilário / Ascendeu em abril / Se espatifou em maio / E o que é que ficou? / Ficou o riso amarelo / E agora tanto faz o que é sagrado / Nada importa se isso tudo não for antes santificado / Bem no interior do meu peito deserto.¹⁶⁴

O caminho das composições repletas de traços poéticos influenciados pela prática de sua fé também é característica das músicas da banda *Crombie*. Porém, são contemplados outros temas, não necessariamente ligados ao Cristianismo, pois essa é a liberdade que os músicos que partilham esse novo modo de criar parecem buscar. As letras abaixo ilustram essa multiplicidade de temas:

[...] Uma voz que cante uma bela cantiga / Um dizer que nos alegre o coração / Uma colcha de retalhos colorida / Uma história que nos prenda a atenção / Tudo o que a gente mais deseja / mesmo não sabendo bem do que se trata / Tudo o que é sorriso de felicidade / A gente encontra no mesmo lugar / E quem saiu a procurar, chorando solidão / Voltou em paz, feliz da vida / Lembrando da canção.¹⁶⁵

Se por acaso eu olhar pra trás / Que seja pra lembrar do que foi bom / Que seja pra nutrir a esperança que hoje mora em mim / Eu descobri o que me satisfaz / E vi que o tempo não desfaz / E quem provar vai perceber a diferença no viver / De resto eu não me prendo / O meu fardo é leve / Ouvi dizer / A vida é breve e tudo vai passar / Que eu saiba aproveitar!¹⁶⁶

Ao dia que passa / esperança no amanhã / Aos livros ainda não lidos / desapego às coisas vãs / À falta do céu estrelado / luzes sobre o mar da cidade / Ao coração apertado / alívio na eternidade / Às lindas cantigas cantadas / ouvidos agradecidos / Ao silêncio que sopra / vento com som de riso / Muitos sonhos por realizar / mas ainda temos pouca idade / Com a terra que sujou a calça / vivemos sem vaidade.¹⁶⁷

¹⁶¹ O texto bíblico que menciona Jesus como o “caminho” está em João 14:6 que diz: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” E na Bíblia em outros textos, fala que a salvação do homem através de Jesus, o filho de Deus, é posta como a boa nova, a boa notícia. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade bíblica do Brasil, 2011, p. 963.

¹⁶² “Rookmaaker”. Marcos Almeida. ESPERAR É CAMINHAR, faixa 8.

¹⁶³ “Deus onde estás?”. Marcos Almeida. PALAVRANTIGA VOLUME 1. Palavrantiga. Belo Horizonte, 2008, faixa 6.

¹⁶⁴ “Sagrado”. Marcos Almeida. SOBRE O MESMO CHÃO, faixa 2.

¹⁶⁵ “Tudo no mesmo lugar”. Paulo Nazareth. CASA AMARELA. Crombie. Niterói, 2011, faixa 13.

¹⁶⁶ “Se por acaso”. Paulo Nazareth. CASA AMARELA, faixa 10.

¹⁶⁷ “Sem vaidade”. Felipe Vellozo, Mariana Magno, Paulo Nazareth. POR ENQUANTO, faixa 5.

Analisando essas letras destas três bandas, percebe-se em sua composição que não há menção direta às palavras *Deus, Salvação, Jesus, Evangelho*, mas se fala da fé e de passagens bíblicas de uma forma alegórica, o que só é perceptível para quem conhece esses textos. Neste sentido, aqueles termos são substituídos por *vaidade, amor, caminho, esperança, eternidade, vida*. Em muitos casos, quando se referem a uma segunda pessoa, pode ser de fato uma pessoa amada – como nas músicas *Nosso lar* do *Crombie*, que o compositor Paulo Nazareth oferece para sua esposa Luiza¹⁶⁸, e a música *Branca* do *Palavrantiga*, em que Marcos Almeida dedica à sua esposa Débora¹⁶⁹ – como também pode se referir a Deus, como constatamos acima na música *Boa Nova*, do *Palavrantiga*.¹⁷⁰ Observemos trechos das letras das músicas dedicadas às suas amadas:

Branca, acordei você? / Nunca mais dormi / nem tô querendo mais / Eu tô querendo te olhar / Branca, a pele tão branca / Não esconde a pureza da alma / É claro, só mostra essa força que salta / Que inspira a gente a caminhar / Branca, eis a tua maneira / Maneira de andar / Correndo, criando, lutando essa guerra / sem tempo a perder / Espere um pouco, branca! / Não me espera, branca / Me espere um pouco! / Não espera, branca!¹⁷¹

No quintal céu azul daqueles / No interior, paredes claras / E a saudade em cores embotadas / Faz silêncio, pois te tenho aqui dentro / Nosso lar, coração aberto / deixa a luz entrar / Desvelando sonhos e segredos / que desejo logo te contar / Nosso lar, tem rede pra descansar / Som de risos fartos e certeza / Tudo agora mesmo em seu lugar.¹⁷²

O que se tem buscando entre as bandas que têm essa visão sobre música é a integração, que se dá através de parcerias em composições, citando uns aos outros em entrevistas, alinhando a linguagem e o discurso (sem pretensões de rótulos, mas com o mesmo desejo de ampliar os horizontes levando suas músicas a todos os lugares, a todos os ouvidos). E, sobretudo, fazendo músicas com composições poéticas e alegóricas, com o objetivo de transmitir alguma esperança para quem escuta, sem fazer proselitismo religioso. Assim, encerro com as palavras de Marcos Almeida, do *Palavrantiga*, percebendo o anseio desses novos artistas em fazer:

Uma música que não está interessada em vender religião, mas apenas em compartilhar a experiência daquele que vive a Boa Nova de forma inteira sem repartir o mundo, sem esquizofrenizar a nossa existência.¹⁷³

¹⁶⁸ Na capa do disco *Casa amarela* é feita a dedicatória assim escrita: “Para Luiza.”

¹⁶⁹ A fala de Marcos Almeida sobre essa composição pode ser vista no link: <http://www.ccvideira.com.br/home/351-conexao-2012-palavrantiga-anima-ultimo-dia-de-evento>, acessado em 22 de junho 2013.

¹⁷⁰ Vide a letra acima.

¹⁷¹ “Branca”. Marcos Almeida. SOBRE O MESMO CHÃO, faixa 3.

¹⁷² “Nosso lar”. Paulo Nazareth. CASA AMARELA, faixa 3.

¹⁷³ Frase disponível no link: <http://nossabrazilidade.com.br/palavrantiga-uma-banda-secular-que-toca-no-gospel/>, acessado em 22 de junho 2013.

Considerações finais

Vimos que o rock cristão evangélico tem conquistado seu espaço e traçado sua própria identidade no meio eclesialístico e fora dele também. Há uma infinidade de abordagens e recortes que poderiam ser feitos sobre este tema, mas o que foi feito, tornou possível conhecer e explorar alguns espaços desta produção musical e grupal.

A análise das letras das músicas foi essencial, pois é a alma do discurso de cada artista da cena, e por meio dela foi possível uma aproximação compreensiva desta produção artística. Assim como a análise das letras, os depoimentos prestados pelos próprios músicos estudados no terceiro capítulo ofereceram uma riqueza de detalhes, em que a menção de uma palavra ou outra, esclareceu muitos pontos e enriqueceu outros.

O que se pode apreender do esforço analítico de que resultou esse trabalho é que a cena do rock evangélico tem muitas vozes e muitas representações. A multiplicidade de ideias, de sonoridades, de símbolos identitários, é percebida no estudo mais aprofundado das bandas escolhidas. E justamente por essa multiplicidade, seria interessante que outras pesquisas continuassem o trabalho, tanto no recorte feito aqui, quanto sobre as bandas de rock mais tradicionais – aqui apenas mencionadas no início do terceiro capítulo – e também sobre outros estilos da música cristã evangélica como aquelas voltadas ao samba, à MPB, ao soul, ao funk, e a grande cena *underground* do metal.

Uma constatação percebida ao longo da pesquisa foi que o rock cristão evangélico tem sua própria estética e representação. Por mais que haja apropriações de outros discursos artísticos, a cena tem construído seus próprios discursos. São discursos próprios, porém plurais. Cada banda, cada temporalidade estudada, tem uma maneira de se colocar e de transmitir sua mensagem.

A participação do público jovem para as quais essa produção musical está voltada também faz parte dessas trocas identitárias, seja pelo consenso ou pela diferença em relação a outros estilos musicais e falas artísticas. Podemos dizer que o motor de todas essas transformações no rock evangélico foi a própria juventude, que amadurecendo musicalmente e com o trabalho feito ao longo do tempo, tornou possível que o gênero tivesse voz tanto no meio cristão quanto fora dele.

Enfim, através desta pesquisa, foi possível passear pelo recorte temporal aqui recortado e, sobretudo, conhecer essa produção musical que dá voz a um grupo de pessoas, com objetivos simultaneamente aproximados e diversos, mas parecendo comum o desejo de transmitir sua fé e de apresentar, em forma de música, sua visão sobre a vida e o ser humano.

Corpus documental

Referências e créditos das imagens

Figura 1: Imagem da banda Exodos. Disponível em: <http://www.bandaexodos.com/>. Página 1.

Figura 2: folheto de divulgação do evento SOS da Vida, encontrado numa edição da *Folha Ilustrada*. Disponível no acervo digital do jornal *Folha de São Paulo*, no endereço eletrônico: <http://acervo.folha.com.br/>. Página 9.

Figura 3: Imagem de divulgação de um disco dos *Raimundos*. Disponível em: <http://vagabundosocupados.blogspot.com.br/2011/08/frases-raimundos.html>. Página 15.

Figura 4: Imagem de Rodolfo no palco com os *Raimundos*. Disponível em: <http://thesoundofluv.blogspot.com.br/2012/10/texto-entrevista-de-rodolfo-abrantes.html> Página 15.

Figura 5: Imagem de Rodolfo com a banda *Rodox*. Disponível em: <http://www.territoriomusica.com/rockonline/shows/?c=227>. Página 21.

Figura 6: Imagem de Rodolfo já em carreira solo. Disponível em seu site oficial: <http://rabt.com.br/fotos/album:paixao-vertical-em-rio-preto>. Página 21.

Vídeos

Vídeo da música *Galhos secos* da banda Exodos, interpretada de forma cômica pelos irmãos Jefferson e Suelen. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=K02Cxo3fAC8>.

Rodolfo é capturado pelas câmeras soltando piadas e palavrões em seu dia-dia com a banda. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=B9BYhrqfpNE>.

O testemunho de Rodolfo sobre sua conversão à igreja evangélica pode ser conferido no DVD *Ele continua o mesmo*, feito especialmente para esse fim. O mesmo material pode ser visto também em: <http://www.youtube.com/watch?v=YBdo6VIAGE8>.

Vídeo em que Rodolfo conta seu testemunho na Igreja Bola de Neve. <http://www.youtube.com/watch?v=pGriBtRyWPY>.

Vídeo em que Rodolfo fala do mercado de música gospel. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=E4zHU9uXWX0&list=WL60CDC51AB62E5AC2>.

Vídeo com áudio da canção *Nova Aurora* da banda *Strike*, com a participação de Rodolfo Abrantes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BtSgG_m_hjc&list=SPF949CBC7F9AFC0EA&index=6.

Vídeo mostra as bandas *Crombie* e *Palavrantiga* tocando a música *O vencedor* da banda *Los Hermanos*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pYY6l-tg7Dg>.

Jornais

Folha de São Paulo de 17 de fevereiro de 1997. Fabian Décio Chacur. “Gospel leva Jesus ao Hard Core.”

Folha de São Paulo de 27 março 1991. “Bandas evangélicas fazem o rock n’ roll sem pecado.”

Folha ABCD de 26 de outubro 1991. “Duas bandas de gospel fazem show hoje no Rock in Rua.”

Folha de São Paulo de 4 de setembro 1993. Bernardo Carvalho. “Rock Beato sai da igreja e vira fenômeno.”

Folha ABCD de 2 de janeiro 1994. Denise Perotti. “Movimento gospel ganha reforço de teens da região.”

Folha de São Paulo de 10 de fevereiro 1997. “Cartas”.

Folha de São Paulo de 26 de junho 2001. Augusto Pinheiro. “Jovens evangélicos que frequentam a Sara Nossa Terra são irreverentes na fé, mas permanecem conservadores na defesa da moral.”

Folha de São Paulo de 22 de junho de 2001. Augusto Pinheiro. “Ex-líder dos Raimundos, Rodolfo dá outras razões, não religiosas, para justificar sua saída.”

Folha de São Paulo de 12 de fevereiro de 2002. Pedro Alexandre Sanches. “Rodolfo se lança ao hardcore evangélico.”

Folha de São Paulo de 13 de Agosto de 2004. Thiago Guimarães. “Diferenças de relacionamento provocam fim do Rodox.”

Entrevistas e reportagens online

LORENTZ, Braulio. “Banda Catedral é 'obrigada' a tocar 'Para nossa alegria' depois de 19 anos.” In: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/04/banda-catedral-e-obrigada-tocar-para-nossa-alegria-depois-de-19-anos.html>. Acesso em 14 de Abril 2013.

ALBUQUERQUE, Filipe. “Divina Intervenção”. In: Revista Rolling Stone Brasil. Edição 61 – Outubro de 2011. Disponível em: <http://rollingstone.com.br/edicao/edicao-61/divina-intervencao>. Acessado em 23 de abril 2013.

Programa *Rock Estrada* do canal *Multishow*, que acompanhou a turnê da sua banda em 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iFaQ1orl2vg>. Acessado em 7 de junho 2013.

Depoimentos

Fábio Sampaio. Depoimento concedido à pesquisadora, em 11 de junho 2013, por email.

Felipe Vellozo. Depoimento concedido à pesquisadora, em 12 de junho 2013, por email.

Lucas Fonseca Pinto. Depoimento concedido à pesquisadora, em 12 de junho 2013, por email.

Discos

RAIMUNDOS, Raimundos. São Paulo: Warner Music, 1994.

ESTREITO, Rodox. São Paulo: Warner Music, 2003.

SANTIDADE AO SENHOR, Rodolfo Abrantes. São Paulo: Bola Music, 2006.

ENQUANTO É DIA, Rodolfo Abrantes. São Paulo: Bola Music, 2007.

BLOCO DO EU SOZINHO. Los Hermanos. Rio de Janeiro: Sony Music, 2003.

UM DIA A MAIS. Tanlan. Porto Alegre: Sony Music, 2012.

ESPERAR É CAMINHAR. Palavrantiga. Belo Horizonte, 2010.

SOBRE O MESMO CHÃO. Palavrantiga. Belo Horizonte: Som Livre. 2012.

PALAVRANTIGA VOLUME 1. Palavrantiga. Belo Horizonte, 2008.

POR ENQUANTO. Crombie. Niterói, 2008.

CASA AMARELA. Crombie. Niterói, 2011.

Sites

<http://www.significados.com.br/underground/>

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>

<http://www.arquivogospel.com.br/>

<http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/12/MarciaLeitaoPinheiro.pdf>

<http://www.bandaexodos.com/>

<http://palcomp3.com/bandaexodos/>

<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

<http://www.vpc.com.br/website/default.asp>

<http://letras.mus.br/rebanhao/1234335/>

<http://www.pavablog.com/2011/01/11/saudade-23-anos-sem-janires/>
<http://www.dicionariompb.com.br/>
<http://acervo.folha.com.br/>
<http://www.vagalume.com.br/raimundos/discografia/>
<http://www.boladeneve.com/>
<http://www.raimundos.com.br/home/banda/>
<http://www.vagalume.com.br/rodox/discografia/>
<http://www.vagalume.com.br/rodolfo-abrantes/>
<http://www.mevam.org.br/>
<http://www.bandaresgate.com.br>
http://www.frutosagrado.com.br/fr_episodiofinal.cfm
<http://www.katsbarnea.com.br/>
<http://bandacatedral.com.br/>
<http://www.oficinag3.com.br/>
<http://metalnobre.com.br/>
<http://www.filhosdohomem.com.br/>
<http://www.facebook.com/BandaMilitantesOficial?fref=ts>
<http://ultimato.com.br/>
<http://canteasescrituras.com/>
<http://diversita.blog.br/blog/2010/05/01/musica-que-historia-e-essa-de-hope-rock/>
<http://www.facebook.com/bandaeroilis>
<http://velhoirlandes.wordpress.com/>
<http://www.alforria.net/>
<http://www.facebook.com/hiberniamusic>
<http://www.helviosodre.com/>
<http://lorenachaves.com/>
<https://myspace.com/gratobanda>
<https://myspace.com/plugluminario>
<http://nossabrasilidade.com.br/>

<http://palavrantiga.com/>

<http://www.facebook.com/bandacrombie/info>

<http://mpbsanto.blogspot.com.br/>

<http://mpc.org.br/blog/somdoceu/>

www.tanlan.com.br

Bibliografia

AMORIM, Rodolfo. O senhorio de Cristo e a redenção das artes: Um olhar sobre a vida, obra e pensamento de Hans Rookmaaker. In: RAMOS, Leonardo; CAMARGO, Marcel; AMORIM, Rodolfo (Org.). *Fé Cristã e cultura contemporânea*. Viçosa: Ultimato, 2009.

BÍBLIA SAGRADA: tradução por João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade bíblica do Brasil, 2011.

CHACON, Paulo. *O que é rock*. Brasiliense: São Paulo, 1989.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CHARTIER, Roger. *História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Jefferson Magno de Santana [et al]. *A mensagem oculta do rock*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1986.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARNONCOURT, Nikolaus. *O discurso dos sons*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1998.

ROOKMAAKER, Hans. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Ultimato, 2010.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. *Aumenta que isso aí é Rock and roll*. Mídia, gênero musical e identidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCHAEFFER, Francis A. *A arte e a Bíblia*. Viçosa: Ultimato, 2010.

VIEIRA, Evandro. *Esfolando ouvidos: memórias do hardcore em Brasília*. Brasília: edição do autor, 2005.

Artigos e dissertações

ANSELMO SOBRINHO, Jorge Alexandre Fernandes. *Entre a sanfona e a guitarra: hibridismos e identidades no rock'n'roll e heavy metal nacionais dos anos 90*. Mestrado em História. PPGHIS, Universidade de Brasília, 2013.

CARDOSO, Diogo da Silva. *Guerreando em nome do Senhor: sobre o underground cristão e evangélico no Brasil, suas territorialidades e o exemplo do grupo Metanóia (RJ)*. *Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH*. Maringá - PR, v.1, n.3, 2009.

BREHEM, Úrsula Gabriela. Consumo e evangelho no subgênero do rock gospel. In: ENDLER, Sérgio Francisco; BRITTOS, Valério Cruz. (Org.). *Comunicação, consumo e identidade no Brasil*. UNISINOS: São Leopoldo, 2010.

CARVALHO, César. Contracultura, drogas e mídia. *Anais do XXV Congresso brasileiro de ciências da comunicação*. Salvador-BA, setembro 2002.

FRAGA, Danilo. O beat e o bit do rock brasileiro: internet, indústria fonográfica e a formação de um circuito médio para o rock no Brasil. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação - COMPÓS*, Salvador, agosto 2007.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo Rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. *Religião & Sociedade*. n. 2 (27). Rio de Janeiro: ISER, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Marina de Oliveira, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Rock, Identidade e juventude no underground evangélico brasileiro* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer outro idioma ou formato.

Marina de Oliveira

Brasília, 10 de julho de 2013.